

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

13 a 26 de Março de 2018 | Nº 156 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00

LETRAS Pág. 3

LUÍSA FRESTA

“FAZ SENTIDO UMA ESCRITA NO FEMININO”



Luísa Fresta, vencedora do Prémio de Poesia no Feminino “Um Bouquet de Rosas para Ti”, que visa incentivar a produção de obras literárias femininas angolanas e estrangeiras e é uma homenagem a Maria Eugénia Neto, viúva do poeta e primeiro Presidente de Angola, António Agostinho Neto, disse, na entrega do mesmo, que “este prémio permite-nos tomar consciência de que faz sentido uma escrita no feminino, que, a existir, englobaria uma miríade de abordagens e uma abertura aos outros. A minha modesta contribuição para este prémio deu origem ao livro «Março entre Meridianos», que é um híbrido entre artes visuais, implicitamente, e poesia.”

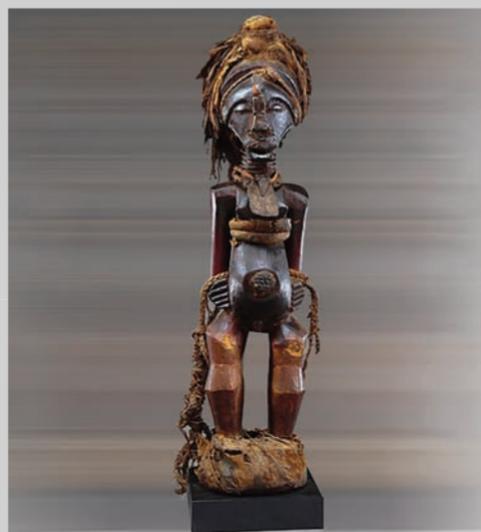
LETRAS Pág. 4

EM FEVEREIRO: A PÓVOA, OS ESCRITORES E OS LIVROS



Por uma semana, em Fevereiro, a Póvoa é uma cidade de letras. Cidade criativa. Na Póvoa de Varzim celebra-se o livro e a literatura pois, por estes dias, todas ou mesmo quase todas, as superfícies comerciais, lojas, cafés, mercados populares, restaurantes, bares e similares, transformam-se em plenas livrarias, dando as boas vindas aos visitantes e fazendo as honras no centro da cidade.

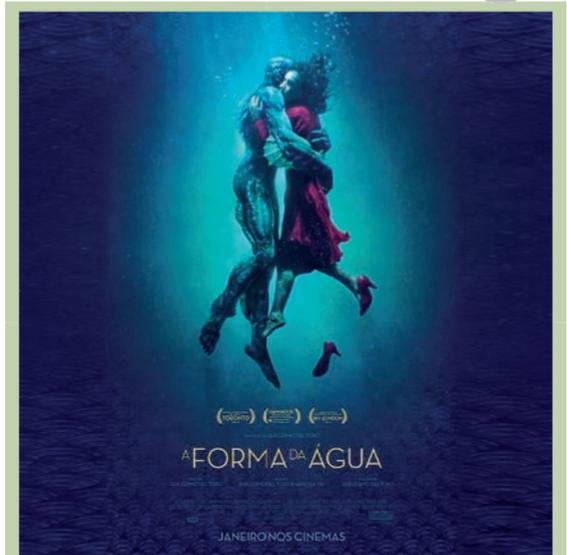
BARRA DO KWANZA Pág. 13 e 15



A LAGOA DO NOVAES Conto de António Fonseca

A fama de Kabuku Kanjila atravessava o continente e estendia-se até ao Índico. Não admira pois que naquela circunstância o Capitão tivesse visto ali chegar, vindo de Zanzibar, conduzindo uma caravana, Ben, o Árabe e também a caravana de Abdel que, na condição de piloto, já havia percorrido a costa Índica e de Nassolo que após seis meses de viagem ali haviam chegado para permutar tecidos e armas de fogo por escravos e marfim.

DIÁLOGO INTERCULTURAL Pág. 12



REALISMO MÁGICO FASCINA HOLLYWOOD

A alegoria "A Forma da Água", de Guillermo del Toro, foi o grande filme vencedor da 90.ª edição dos Oscars. É, no fundo, o sucesso do realismo mágico que o cineasta mexicano revela da sua América Latina, ou simplesmente da sua Guadalajara povoada de fantasmas.

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 156/Ano VI/ 13 a 26 de Março de 2018

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

Secretária:

Ilda Rosa

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação:

Jorge de Sousa,

Alberto Bumba e Sócrates Simóns

Edição online:

Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Analtino Santos, António Fonseca, Francisco Soares, JAS LOpito Feijóo K., Mário Pereira

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

AFREKA

AFRICULTURES, Portal e revista de referência

AGULHA

CORREIO DA UNESCO

MODO DE USAR & CO.

OBVIOUS MAGAZINE

A LITERATURA NÃO SE EXPLICA, SENTA-SE NA NOSSA MÃO



JOSÉ LUÍS MENDONÇA

A fronteira entre o discurso literário e o não literário é de ordem estrutural e bioquímica. O fim da literatura integrada no objecto chamado livro é o de ser recebida pelo público, é o de ser ouvida por alguém que a lê (silenciosa ou audível) ou que simplesmente a escuta ler ou recitar o que alguém gravou na memória.

A literatura está aí, na bela poesia pastoril dos Cuanhamas, nos Cantares de Salomão, nos sonetos de Camões e de Rylke, nos poemas de José Craveirinha, Breuyten Breytenbach, Malangatana, Noémia de Sousa, Conceição Lima, Pablo Neruda, Alen Ginsberg, Walt Whitman, Bertolt Brecht, nos romances de Ngugi Wa Thiongo, Chinua Cahebe, Amos Tutuola, Luandino Vieira, Pepetela, Assis Júnior, Pedro Páramo, Dostoiévsky, C. Virgil Georgiu, Victor Hugo, John Grisham, e quantos outros que lemos e que nesta página pequena não cabem.

Todo o ser humano que pretenda obter um conhecimento do que é Literatura tem simplesmente de pôr a Literatura sentada na sua mão, como quem dá milho aos pombos num jardim. E ler, ler, ler, deixar ela queimar o coração com a química das imagens pintadas com o fogo das palavras, deixar ela expandir na alma a (re)criação interna da vida, o escalonamento arquitectónico do enredo ou ver como ela batuca no céu da nossa boca a rítmica do verso e o fascínio da metáfora.

De tanto ler, aquele que lê fica a conhecer o âmago e a forma desse objecto artístico forjado com a matéria-prima das palavras que nos hominizam e endeu-sam dia-a-dia.

De tanto ler, aquele que lê recebe um testemunho muito valioso dos autores todos que devora. Fala com eles ali sentados dentro dos discursos literários. Aquele que lê não precisa de visitar o hálito vivo, o olhar brilhante, ou a sotaque da voz de nenhum autor físico. Põe os Lusíadas sentados na sua mão e já tem ali um Camões que morreu no século XVI. Abre a Sagrada Esperança de Agostinho Neto e dialoga com este poeta falecido em 1979.

De tanto ler, aquele que lê fica a conhecer o alto segredo da tecedura artítico-literária de cada um dos autores. Assim enriquecido de modelos de tecelagem da palavra, ele torna-se capaz de tecer o seu próprio pano de urdiduras literárias. De tanto ler é que o crítico fica apto a comparar a obra de um Norman Miller à de Pepetela, por exemplo.

Não é qualquer pessoa que se torna escritor ou crítico da Literatura. O escritor é aquele que muito lê. Crítico é quem leu milhares de obras, quem conhece pelo menos vinte mãos cheias de autores de cada época da História da Humanidade, desde a Epopeia de Gilgamesh, da Mesopotâmia, aos contos fantásticos dos irmãos Grimm, ou aos best-sellers de J. K. Rowling.

Há dias, veio ter comigo um jovem entusiasta com uma história escrita para eu avaliar. Li e deparei-me com um relatório de polícia, como diria o grane contista Manuel Rui. Não senti ali nenhum cheiro de comida, nenhum sopro de vento, nenhuma luz de fogo perdida na noite, nem o pio de uma ave, ou o olhar doce de uma mulher. Chamei o jovem e perguntei-lhe se já alguma vez tinha lido a novela Quem Me Dera Ser Onda, de Manuel Rui, ou Kahitu de Wanhenga Xitu. Não sabia sequer quem eram esses autores, nem o que representavam esses títulos na Literatura angolana. Então recomendei-lhe que os lesse. Infelizmente, o jovem nunca mais me procurou. Não aprendeu que não é o autor vivo que lhe introduz a técnica de escrever na cabeça, como um funil onde se despeja vinho ou azeite num tonel.

A minha esperança é que um dia, quando o ensino em Angola tiver a qualidade que tinha no tempo colonial, os professores ponham os alunos a ler os clássicos na escola e quem quiser ser escritor não precise de andar atrás de mim, para eu lhe avaliar a obra. Os livros são melhores mestres do que eu.

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344
Fax: 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior

José Alberto Domingos

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olimpio de Sousa e Silva

Catarina Vieira Dias da Cunha

“FAZ SENTIDO UMA ESCRITA NO FEMININO”

(Vencedora do Concurso “Um Bouquet de Rosas Para Ti”)

LUÍSA FRESTA

Começo por cumprimentar a Dra. Maria Eugénia Neto, figura tutelar do prémio, pelo seu aniversário e pelo seu envolvimento na festa que hoje nos reúne aqui, ...e por seu intermédio todas as Mulheres do Mundo, neste dia 8 de Março, cheio de simbolismo para todos nós, homens e mulheres de boa vontade.

Agradeço a honra que me foi concedida, a confiança no meu trabalho e espero que os leitores se reconheçam nas páginas deste livro, o que constituiria uma dupla premiação.

Saúdo igualmente o Dr. Jomo Fortunato, PCA do Memorial Agostinho Neto e toda a equipa associada a este evento, os distintos membros do Júri do prémio «Um bouquet de Rosas para ti» (os autores e académicos Domingas Henriques Monteiro, Helder Simba André e Pombal Maria) e as minhas colegas, Cíntia Gonçalves André e Kanguimbu Ananaz, a quem cumprimento calorosamente pelo prémio neste concurso literário.

Saúdo também as ilustres personalidades, a imprensa e as instituições aqui representadas, das mais variadas áreas da nossa sociedade e peço desde já a vossa indulgência se por lapso não mencionei alguém em particular.

Caros amigos e amigas, distintos convidados,

É uma emoção indescritível estar aqui com todos vós, também e sobretudo família e amigos, que contribuíram em muito para que me fosse possível participar neste certame e estar aqui neste exacto momento. Estou com a minha gente e essa alegria não tem tradução possível.

Este prémio permite-nos tomar consciência de que faz sentido uma escrita no feminino, que, a existir, englobaria uma miríade de abordagens e uma abertura aos outros. Ser mulher é ter a capacidade de escutar e ter o coração virado para o mundo. Daí a escrever é um passo, sentir e transpor o que testemunhamos e sonhamos com o olhar ténue que não julga nem condena, antes interpela, questiona, mas também embala e acolhe.

A minha modesta contribuição para este prémio deu origem ao livro «Março entre Meridianos», que é um híbrido entre artes visuais, implicitamente, e poesia. Trata-se de um livro sintético constituído por três ramos aos quais chamei cadernos e que nasceram de maneiras diferentes, em épocas distintas. O primeiro caderno (CARTÃO-POSTAL) foi escrito olhando para fotografias da autoria de Paula Sant’Ana, artista multifacetada; o resultado foi um conjunto de sonetos com a minha interpretação das imagens, traduzidas em ideias que rapidamente se alinharam em pequenos exércitos de palavras. Foi uma coisa fluida, prazerosa e espontânea; o caderno II (VERSOS NATALINOS E OUTRAS HISTÓRIAS DE [EN]CANTAR) contém maioritariamente versos livres, centrados nos temas do Natal, do renascimento e da exclusão; procurei seleccionar textos com esta base comum, poemas que tivessem uma linguagem nivelada. O terceiro caderno (PALAVRAS PINTADAS NA TELA), à semelhança do primeiro, resulta da observação de telas, neste caso de Ysabelle Roby-Pétrél, artista plástica francesa; a arte abstracta dá-nos uma margem maior para divagar e foi isso que fiz, sem qualquer restrição, fixando-me sobretudo na cor e na textura. Março entre Meridianos é assim uma obra que assinala o meu compromisso de género com todas as Mulheres do mundo e as suas/nossas diversas lutas. “Entre meridianos” porque a poesia também pode ser assim: uma linguagem diversa, mutante e viageira, que não conhece fronteiras, grávida, aqui, de angolanidade, em pequenos apontamentos subliminares.”

Não me vou alongar mais nem tomar o vosso tempo, ...um abraço fraterno e obrigada por terem vindo.

BIOGRAFIA (LUÍSA FRESTA)

Nascida em Portugal, viveu a maior parte da sua juventude em Angola, país com o qual mantém laços de cidadania e envolvimento cultural e familiar, estando radicada em Portugal desde 1993.

Publicou em 2012 e 2013 uma série de crónicas sobre as décadas de 70/80 da vida em Luanda, através do Jornal Cultura - Jornal Angolano de Artes e Letras com o qual colaborou regularmente até 2015 e publicou também pontualmente em diversas revistas on-line (a moçambicana Literatas e as brasileiras O Equador das Coisas, Samizdat e Subversa).

Escreve regularmente desde 2013 no portal O Gazzeta, coordenado por Germano Xavier e desde 2014 publica, sobretudo poesia, no portal Entrementes - Revista Digital de Cultura. Desde 2016 escreve também no jornal digital Artes&Contextos.



Capa da obra vencedora da poetisa Luísa Fresta

Sobre cinema (essencialmente lusófono e africano francófono) mantém participações episódicas através de artigos de opinião no site de crítica de cinema Africiné, portal BUA-LA, revista Awotele, e manteve, até 2015, duas colunas na revista METROPOLIS intituladas: A 7ª arte em África e Filmes da lusofonia. Em 2016 integrou o júri do comité de pré-selecção da representação pan-africana do Festival l'Arbred'Or (filmes documentários-Gorée/Senegal).

Prémios e antologias:

1998- Portugal: concurso de contos curtos “Expo 98 palavras” (texto Crime, publicado juntamente com cerca de outros 100);

2013- Brasil: 2º lugar no 9º concurso online – II Prémio Licínio Campos de Poesias de Amor (poema Soneto do Amor no Feminino);

2013- Brasil: 2º prémio no 1º Concurso Internacional de Literatura de Alacib, (na categoria crónica, com Outros Campeonatos);

2014- Brasil: o poema Talvez foi considerado um dos melhores 50 apresentados a concurso e incluído numa colectânea publicada pela Academia Jacarehyense de Letras, promotora do 8º Festival Internacional de Sonetos;

2015- Brasil: crónica Luanda, aliás «São Paulo da Assunção de Loanda» incluída numa colectânea editada pela Casa do Poeta Brasileiro de Praia Grande-SP;

2016- Portugal: integrou, juntamente com sete outros autores, uma antologia solidária dedicada ao tema da saúde mental (com o conto O papel de Aurélie), editada pela LIVROS DE ONTEM.

Obras da Autora:

49 Passos/ Entre os Limites e o Infinito (poesia), Chiado Editora, 2014

Contexturas (contos, baseados em quadros de Armanda Alves, co-autora), Livros de Ontem, 2017

PRÉMIO DE POESIA NO FEMININO UM BOUQUET DE ROSAS PARA TI

O Prémio de Poesia no Feminino visa incentivar a produção de obras literárias femininas angolanas e estrangeiras. O Prémio, denominado Um Bouquet de Rosas para Ti, pretende homenagear Maria Eugénia Neto, viúva do poeta e primeiro Presidente de Angola, António Agostinho Neto. O nome é, aliás, o título de um poema de Agostinho Neto, escrito a 8 de Março de 1955, em Lisboa, e dedicado a Maria Eugénia por altura do seu aniversário.

São admitidas a concurso todas as obras de poesia originais e inéditas, escritas por mulheres de qualquer nacionalidade e que nunca tenham sido premiadas em nenhum outro concurso. Um júri, constituído por quatro destacadas personalidades angolanas do mundo literário e cultural, elege três obras que serão premiadas, sendo que a primeira classificada recebe 1.000.000.00AKZ (um milhão de kwanzas), a segunda 500.000.00AKZ (quinhentos mil kwanzas) e a terceira 250.000.00AKZ (duzentos e cinquenta mil kwanzas). A obra premiada em primeiro lugar é editada e publicada pelo Mausoléu António Agostinho Neto (MAAN), ficando sujeita a um contrato de edição, efectuado pelo MAAN. Os prémios são divulgados e entregues no dia 8 de Março.



EM FEVEREIRO: A PÓVOA, OS ESCRITORES E OS LIVROS

Da janela do meu quarto no hotel local, onde por pouco menos de uma semana me encontro, vislumbro e contemplo o turbulento mar atlântico da Póvoa de Varzim.

Uma simpática e acolhedora cidade do norte de Portugal que, nos Fevereiroiros meses dos recém/passados anos da minha vida litero-cultural, me tem recebido – em companhia de mais outros, quase uma centena agentes culturais do mundo ibérico das belas letras – em razão das CORRENTES D’ESCRITAS que consideramos ser o mais velho, mais aberto, mais representativo e menos preconceituoso evento literário jamais realizado em Portugal.

Por uma semana, em Fevereiro, a Póvoa é uma cidade de letras. Cidade criativa. Na Póvoa de Varzim celebra-se o livro e a literatura pois, por estes dias, todas ou mesmo quase todas, as superfícies comerciais, lojas, cafés, mercados populares, restaurantes, bares e similares, transformam-se em plenas livrarias, dando as boas vindas aos visitantes e fazendo as honras no centro da cidade.

Constatamos localmente que, os livros podem ser encontrados em qualquer esquina de rua com um tapete convidando – nos para entrar e vê-los entre roupas, acessórios, sapatos, malas, estantes, carteiras, garrafas, tecidos, óculos e, para além de agradáveis e gratuitas conversas à volta da literatura, haverá sempre um título de livro procurando por quem o lê, em qualquer parte, no todo ou em parte.

Neste único 2018 das nossas vidas literárias, uma vez mais marcamos presença por Angola, em companhia do escritor Manuel Rui Monteiro – autor de célebres títulos – contando com mais de uma trintena de livros desde a poesia ao romance, passando pela assinatura de algumas das mais agri doces crónicas literárias angolanas, contos e novelas do mundo aural lusófono e, dentre os quais saliento: Regresso adiado, Sim camarada, Quem me dera ser onda, Um morto & os vivos, O manequim e o piano, Estórias de conversa, Memória de mar, Crónica de um mujimbo e, como obrigatoriamente tinha de referir, Rio seco.

Em abono da justiça, Manuel Rui, Onésimo Teotónio de Almeida e mais um ou outro cujo nome agora não me ocorre, são mesmo os «sobas dos sobas» em termos de presenças nas Correntes. Contam-se dezanove consecutivas estadias no Axis Vermare consequentes romarias pela cozinha caseira da casa de restauração com o mais sugestivo nome de restaurante para escritores – e não só! – que já encontrei, nas minhas andarilhões e iti-

nerâncias, por tudo quanto é canto com eventos literários no mundo. O Zé Das Letras. Um típico cantinho da Póvoa de Varzim onde muito mais que cinco centenas de figuras e figuras das letras do mundo ibérico tiveram já a oportunidade de fazer o gostinho aos sabores da casa.

Considerado o mais importante evento literário em Portugal, julgo ser também e com certeza um dos mais importantes festivais literários no mundo. Pelas Correntes D’Escritas passaram já quase todos os maiores autores dos países lusófonos e, igualmente, alguns dos maiores nomes, das artes e da contemporânea literatura latino-americana.

Nesta que foi a décima nona realização, depois de no ano de 2017 o festival ter alcançado a sua maioridade, nas Correntes D’Escritas, como sempre em anteriores edições, juntaram-se novos nomes com diferentes andanças culturais e provenientes de distintas e longínquas latitudes geográficas para a sua estreia tal como o moçambicano Bento Balói, jornalista que, enquanto autor, estreou-se como ficcionista com o romance *Recados da Alma*.

Outro nosso estreante atende pelo nome de Vicente Abraão, cujo nome já não deve ser estranho pois, é presentemente o Ministro da Cultura e das Indústrias Culturais da República de Cabo Verde mas, que aparece e se estreia, no festival, na condição de escritor já com alguns títulos publicados, entre o romance, poemas, crónicas e conto infantil.

MûMbana da Guiné-Bissau, multi-instrumentista, compositor musical e poeta, esteve igualmente de passagem em primeira viagem, representando e prestigiando a cultura e os autores do seu país.

O mais novo estreante vindo do continente africano, «seria» o jovem angolano Hélder Simbad, para quem “a palavra é uma força oculta que se move secretamente” e que, em razão

das malhas e falhas que o «império?» ainda vai tecendo, (refiro-me – infelizmente! – às complicações para a obtenção de um visto junto do consulado de Portugal em Luanda, mesmo com toda a documentação em ordem), não pôde chegar a tempo de fazer a sua intervenção aprazada para partilhar ideias numa das mesas de debate, em companhia da cubana Carla Suarez e dos portugueses João Tordo e Sandro William.

Uma nota curiosa que não posso deixar de reportar foi o facto de que, consumada a ausência do autor, pediu-me – ele mesmo em concertação com a curadoria – que o representasse fazendo a leitura de uma comunicação preparada para o efeito. Em razão da solidariedade intelectual logo acedi ao pedido, mesmo sem a necessária leitura prévia pois, estávamos em cima da hora.

O texto foi deveras aplaudido e ovacionado depois da explicação que fizemos dada a ausência do autor das linhas que lí, lamentando pela dificultada, quase inexistente e tão desejada circulação de autores, artistas e bens culturais no âmbito da comunidade de países falantes da língua portuguesa, vulgo CPLP.

No texto, cujo mote era o verso segundo o qual: “O que escrevo atormenta o que sou”, mesmo como quem se estreia nas lides internacionais da literatura, com algum conseguimento e motivo de reflexão, o Hélder acabou escrevendo o que aqui cito: “O que sou pouco importa, o mais importante é o que escrevo. O que escrevo é o que é. E eu posso não ser o que julgam, isto, de facto, me atormenta”.

Finalmente, porque o texto já vai longo e na verdade vou, sem como..., para encurtar a escrita, finalizo observando que para nós, africanos de língua portuguesa e particularmente para Moçambique, o destaque foi indubitavelmente, o nosso Ungulani Ba Ka Khosa autor do festejado e celebrado *Ualalapi*.



J.A.S. LOPITO FEIJÓO K.

Vindo de Luanda, em cansativa e demorada viagem com escalas em Casablanca e Lisboa, passadas horas e horas, atraco na Póvoa. Feito o check-in já depois de hospedado, adentro a primeira livraria local em razão do vício e, para meu satisfatório espanto, logo saltam-me aos olhos as páginas da mais recente edição do JL-Jornal de Letra Artes e Ideias, referenciando Escritas de distintas tonalidades. O propósito era, uma vez mais, a 19ª edição das Correntes D’Escritas antecipadamente anunciadas neste periódico.

Ungulani é capa do jornal ao lado de três outros grandes das minhas últimas leituras, nomeadamente: Luís-Fernando Veríssimo; o homenageado no evento deste ano, Ignácio de Loyola Brandão; «um amigo da gente!» com quem já partilhamos mesa no anterior festival e, igualmente, o andarilho latino-americano Eric Nepomuceno. Um amigo com quem também já partilhamos mesa em distintos festivais e não só. Um bom observador e grande companheiro para as bem recheadas mesas de bar.

O nosso Charrueiro esteve em grande nesta jornada literária com a redação e publicação do texto intitulado *A vida em cinco actos*. Recriada e resumida autobiografia encomendada pelo JL. Dele ouvimos também uma comovente intervenção na mesa cujo mote referia-se a censura e/ou a autocensura. A imparcialidade silencia a escrita. Será?

Entretanto, passadas mais de três décadas da publicação de *Ualalapi*, Ungulani retoma a história do imperador de gaza e apresentou a sua mais recente obra literária em duas sessões que tivemos a felicidade de testemunhar. Na Póvoa de Varzim e em Lisboa. *Gungunhana* (Porto Editora 184 pp.)

Para Agripina Carriço Vieira, “Esta é a história de um território que procura encontrar a sua identidade feita de múltiplas pertenças que se constituem como os alicerces sobre os quais se constrói a novanação, demanda a que dá voz o narrador de *As mulheres do imperador...*”.

Digo agora, em jeito de remate final, que Ungulani é sempre um grande ao lado dos grandes e no âmbito da sua profunda humildade, continua palmilhando a sua estrada, desinteressadamente, fazendo-se um dos maiores da língua portuguesa no mundo.



Correntes escrita

AMÉLIA DALOMBA E A GERAÇÃO DA DISTOPIA DO HOMEM NOVO

FRANCISCO SOARES

Amélia Dalomba tornou-se uma referência da poesia angolana que se começou a editar nos anos 90 do século passado. Pertence a uma geração que se iniciou ao mundo nos primórdios da independência, da revolução do partido único e, portanto, uma geração da distopia do homem novo. De facto, para estas biografias, a realidade não sofreu nenhum desvio que, uma vez corrigido, nos devolveria o esplendor da felicidade social. Não. A revolução era o próprio desvio. O conhecimento dessa realidade começou, precisamente, com o desvirginar das ilusões ideológicas, com a desmontagem da retórica salvífica do Partido-Estado pela realidade quotidiana. A leitura que há para seguir adiante é a dessa desmontagem, esse é o mundo que temos para palmilhar em busca seja do quê.

Cada membro desse grupo heterodoxo e multipolar não se ficou por aí. Crescendo com o falhanço da revolução e das melhores expectativas que a alimentaram, cada um foi se virando para uns e outros lados, reabrindo picadas e caminhos, trilhando-os ainda mesmo que a saudade, ou a simples memória mordessem com seu veneno “a ânsia / de tocar um poema novo” (p. 193).

A personalização da poesia lírica de cada um desses jovens aprofundou mais uma tendência que vinha dos anos 80 e libertou-os gradualmente

dos comandos, das orientações, dos controles. A revolta, quando surgia, vinha em ferida viva e sem propósito partidário dirigindo-a, trazia o carimbo das manifestações espontâneas da carne pra canhão. A determinação prévia de uma escolha estética foi substituída, decisivamente, pela constante pesquisa e depuração de critérios, temas e motivos de composição – e, entre eles, surgia o da revolta, não uma revolta dirigida a qualquer ponto abstracto na linha do tempo, mas simples revolta pelo estado de coisas, pelos becos sem saída onde cada um estava metido. Não havia utopias nem esperanças. Cada um virava-se como podia.

Para os que tomaram consciência própria de uma absoluta liberdade interior, pessoal, única, os sinais e os caminhos que os ligavam abriam-se numa total imprevisibilidade. O que não significa alienação, nem ausência de continuidades, apenas que não dava mais para determinar nem prever o que virá e essa é, de facto, uma condição da liberdade e da criatividade.

Posto isto, vamos encontrar nos poemas de Amélia Dalomba uma autenticidade estabelecida pela vivência quotidiana da intersecção entre o colectivo e o individual, interligados pelos nós humanos e universais que asseguram, simultaneamente, a comunicação poética e a solidariedade espontânea. Autenticidade que se torna poética pela constante e



palpável tentativa de fundir num todo os ritmos, a prosódia, os conteúdos, a exclamação, a invectiva, a sonoridade, a sugestão de afectos ou sentimentos e a denúncia (quantas vezes irónica) de uma situação social no mínimo degradante.

Um dos pontos mais fortes nessa ligação prende-se com as fontes silenciosas do sentimento religioso, da re-ligação pelo espírito e, portanto, pela respiração e, portanto, pelo ritmo dos versos, afinado através de uma articulação concertante com a capacidade de sugerir um ambiente ao mesmo tempo íntimo, social e cósmico. Outro dos pontos fortes é o da incorporação da vida envolvente, sobretudo com o ponto de vista das pessoas pobres, limitadas na sua humanida-

de toda a espécie de carências e desqualificações. As limitações e desqualificações partilhadas, a poesia supera-as depois com a sua visão holística, de conjunto neste caso relampejante, devolvendo ao povo uma voz revigorada ainda quando magoada, que supera o seu limite e o acompanha na manifestação do seu quê.

Essa é a voz que vamos ouvir lendo a excelente antologia posta agora a circular. Está de parabéns, além da Amélia Dalomba, a editora e o Instituto Camões, que albergou mais um lançamento significativo no percurso da literatura angolana actual.

(apresentação do livro Amélia Dalomba - antologia em Luanda, Fev.º de 2018)

CARLOS FERREIRA APRESENTA “MEIDADE”

No passado dia 28 de Fevereiro, o poeta Carlos Ferreira apresentou em Luanda, no espaço Verde Caxinde, a mais recente obra MEIDADE.

Tal como referiu a apresentadora da obra, a professora Cesaltina Abreu, “Meidade remete a duas ideias: minha idade e meia-idade, a idade do autor na fase por ele considerada de intermédio do caminho da vida, impondo-lhe aquele balanço inevitável do quanto já foi e do que ainda há-de ser! Conhecendo a figura, não foi difícil antecipar que MEIDADE mescla a verve do Cidadão e a melancólica angústia do Indivíduo, desaguando numa poética simultânea ou alternadamente política, crítica e engajada, para outra mais mansa, acalentadora, ainda que inquieta, expectante, amorosa. Mas ambas incisivas, dilacerando as folhas de papel com a palavras afiadas materializando/dando corpo a/os sentimentos.

Mais a mais porque no percurso da MEIDADE do Autor, a inquieta faixa dos 15 anos coincidiu com o início de contagem de uma outra cronologia, a do seu/nosso território de expressão, do seu/nosso chão: Angola. Contagem

essa que começa eivada de promessas e prenhe de possibilidades: construir o Homem Novo, devolver aos angolanos a sua dignidade e a sua terra, e colocar ao serviço do bem-estar de todos os frutos dos seus imensos recursos. Não é difícil antecipar as expectativas, os sonhos, as visões acalentados, então, por um jovem recém-saído (ou saindo) da adolescência, criado num ambiente esclarecido e engajado, como expresso, entre outros, em passagens dos poemas da página 61:

(...) As minhas (dobradiças, dores, mágoas, sustos, disparates, crenças absurdas) ficarão por aqui até me chamarem. De novo. Com toda a crueza do passado. Com toda a saudade do futuro. Com todo o carinho derramado em anos de inocência de meia loucura mas acima de tudo de ingenuidade. Cada vez mais me pareço com as velhas dobradiças. Só que as minhas não têm retorno. Fecho-me. Encolho-me. Nada é grátis a não ser o olhar de relance ao espelho. E mesmo esse me aponta o dedo. Pergunta-me pelas nossas consciências. Pela nossa ce-



gueira. Pelo nosso silêncio.

Para Cesaltina Abreu “a poesia política-interventiva de Cassé resiste à tentativa de simplificação, evitando os estereótipos políticos e de representações sociais e, mais uma vez, demonstra que a poesia é um género literário tão capaz – ou mais, até, que os demais -, de expressar opiniões políticas, sociais, culturais, cidadãs! Do seu jeito, usa-a para expor o poder libertador da palavra em denúncia, e oposição, ao silêncio filho do Medo sufocante e omnipresente.”

Disse ainda a apresentadora que “o eixo organizador desta poesia parece-me residir no seu conteúdo crítico, abordado / exposto de formas diferentes. Vai pela exposição dolorida das situações vividas num quotidiano em geral sofrido, tentativamente tipificado, com contornos de denúncia e indignação, acusação explícita dos descasos e das indiferenças em relação à sua maior riqueza – as suas gentes – e à gestão da coisa pública.”

ELEMENTOS DE GRAMÁTICA DE KIMBUNDU DE KAKALUNGA: SUFIXOS VERBAIS. PALAVRAS ANTÓNIMAS. VERBOS REFLEXOS



MÁRIO PEREIRA

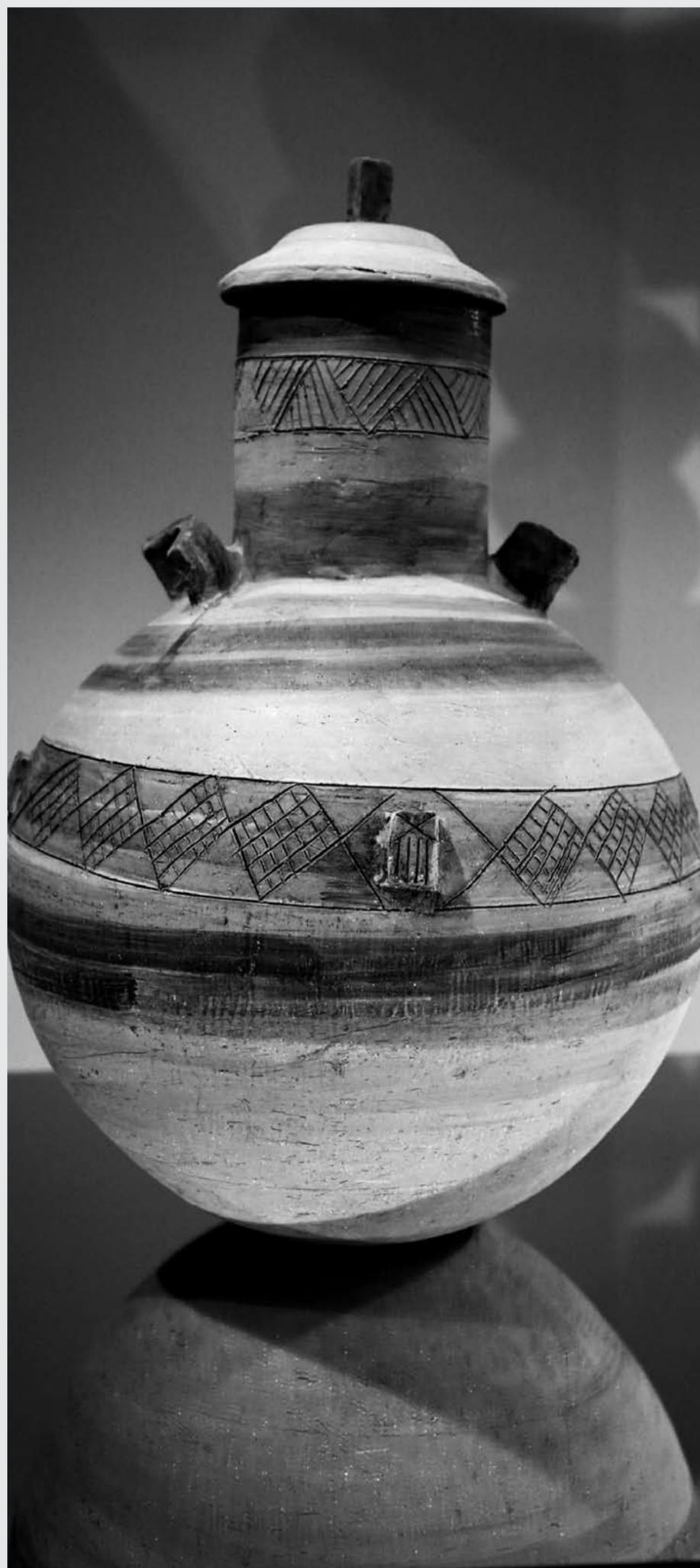
Numa aula de Introdução à Língua Kimbundu o professor questionou quem podia abordar um tema gramatical qualquer, a fim de ocupar o tempo que sobrava para o fim da mesma. O chefe de turma, Nguma ya Ngongo, chamado a salvar a honra do grupo, levantou-se e, sem delongas, começou:

Caro mestre: se me permite gostaria de tecer algumas considerações sobre os verbos transitivos e intransitivos; palavras antónimas e de verbos reflexos.

Assim, seja o verbo kubanga (fazer, ..., ...), verbo transitivo e trissilábico na sua forma infinitiva (ku-ba-nga). A expressão que contraria o acto de fazer, em kubanga, requer que se introduzam novos sufixos, de conformidade com o seu grau de continuidade/descontinuidade. Neste caso, os sufixos ULA (sufixo verbal transitivo com característica de descontinuidade); ULULA (sufixo verbal transitivo não reflexo com características de continuidade); UKA (sufixo verbal intransitivo e reflexo de descontinuidade) e ULUKA (sufixo verbal intransitivo reflexo com características de continuidade) desempenham este papel. Assim, Kubanga=fazer, ... Kubang(ula)=desfazer, ... Kubang(uka)=desfazer-se. Kubang(ulula)= desfazer de modo continuado. Kubang(uluka)=desfazer-se de modo continuado, de onde wabanguluka=desfez-se (3ª. pess. sing). A intransitabilidade de kubangula pode ser vista na análise morfológica da seguinte oração imperativa: bangula ukamba wenyu. Desfaz essa amizade. Sujeito subentendido (eye=tu). Predicado: bangula (desfaz). Complemento directo: oukamba wenyu=essa amizade.

Nesta oração o predicado está na forma imperativa. Se o complemento directo da referida oração passar a exercer a função de Sujeito, o predicado toma a forma de verbo intransitivo e reflexo, como se demonstra: oukamba wenyu wabanguka (essa amizade defez-se). Porém, o verbo kubanga pode atingir a forma reflexa sem passar pelo processo de sufixação para efeitos de contrariar o seu significado inicial, requerendo, para o efeito, que o verbo simples kubanga seja conjugado no seu Pretérito-Mais-Que-Perfeito em duas fazes distintas que designo por PMQP1 E PMQP2. No PMQP 1, teremos: 1ª. pess. sing. Eme ngabangele (eu fizera/tinha feito), 2ª. pess. sing. Eye wabangele (tu fizeras/tinhas feito), 3ª. pess. sing. Mwene wabangele (ele fizera/tinha feito). 1ª. pess. pl. Etwabangele (nós fizéramos/tínhamos feito). 2ª. pess. pl. Enu nwabangele (vós fizéreis/tínheis feito). 3ª. pess. pl. Ene abangele (eles fizeram/tinham feito). Daqui, por efeito da constante do PMQP1=bangele, vem bangel(a)=imperativo que prefixado com Ku resulta Ku+bangel(a)=kubangela/kubangeka=novo infinitivo, estando kubangeka reflectivo em kubangama, ou seja, kubangeka=fazer; kubangama=fazer-se, ...

No PMQP 2 de kubangela, (novo infinitivo) teremos: 1ª. pess. sing. Eme ngabangelele (eu fizera/tinha feito), 2ª. pess. sing. Eye wabangelele (tu fizeras/tinhas feito), 3ª. pess. sing. Mwene wabangelele (ele fizera/tinha feito). 1ª. pess. pl. Etwabangelele (nós fizéramos/tínhamos feito). 2ª. pess. pl. Enu nwabangelele (vós fizéreis/tínheis feito). 3ª. pess. pl. Ene abangelele (eles fizeram/tinham feito). Daqui, por efeito da constante do PMQP2=bangelele, vem bangelele(a)=imperativo que prefixado com Ku resulta Ku+kubangelele(a)=kubangelelele/kubangeleleka=novo infinitivo, estando kubangeleleka reflectido em kubangalala=fazer-se, ... de forma continuada (verbo reflexo). Em síntese, kubanga, kubangeka, kubangeleka (verbos transitivos não reflexos); kubangama e kubangalala (verbos reflexos de kubanga=fazer, ...). Assim, se o verbo simples tem N sílabas com N=3, na primeira Conjugação do PMQP, elas evoluem de Y=N, com N=3 sílabas no infinitivo (ku-ba-nga), para Y=N+1=4 (ku-ba-nge-la) e Y=N+2=5 (ku-bange-le-la) fazendo perceber que se trata, convenhamos, de uma série N, N+1, N+2, limitados por N e N+2 inclusive. E é tudo o que tenho para dizer, hoje, prezado mestre. O professor, tomando notas desde o início da exposição de Nguma ya Ngongo, sentenciou: - Levante-se quem tem alguma coisa para dizer a esse respeito... e se não houver quem se disponha a tecer considerações, que se levante a aluno número 5, Maka ma Kindala. Por favor, Maka ma Kindala tem a palavra....



MULHERES QUE MARCARAM

AS HARMONIAS ANGOLANAS

ANALTINO SANTOS

Março remete-nos ao tema “Ser Mulher” de Lourdes Van-Duném uma das principais referências da música angolana. A música pelas nossas bandas tem um pendor masculino, mas em todas as etapas as mulheres deram o seu contributo. A história confirma que as mulheres não foram apenas as musas inspiradoras.

Em 1931 nasce Idegarda Oliveira, conhecida no meio artístico como Garda gravou em Portugal o primeiro disco vinil de um cantor a residir em Angola. Estávamos em 1958, disco editado pela Valentim de Carvalho com quatro temas, com destaque para “Maria Candimba”. Garda vive em Portugal, país onde continua a cantar e produziu um disco em 2011.

Conceição Legot é outra personagem a conhecer, tal como Garda é pouco conhecida pelas novas gerações. Cantora, historiadora e nacionalista foi presa aos 21 anos ao escrever os estatutos da mulher angolana. De uma família da elite africana que vivia na Baixa de Luanda. Com Belita Palma nos tambores e Lourdes Van-Duném na dikanza, formou o Trio Feminino, tocando violão.

Belita Palma e Lourdes Van-Duném são duas das principais referências da música nacional. Fizeram parte do Conjunto Ngola Ritmo formação artística tida como fundamental nos alicerces da música popular e urbana angolana e no uso da arte como meio de enfrentar o poder colonial.

Isabel Salomé Benedito de Palma nasceu em Luanda aos 15 de Outubro de 1932 e cresceu num ambiente musical, o seu pai, Domingos Benedito Palma era músico e em casa da avó aconteciam tertúlias musicais, juntando nacionalistas e artistas. Belita Palma teve como suporte, a irmã Rosita Palma compositora de parte dos seus sucessos. Na voz de Belita Palma canções como “Manazinha”, “Apolo 12”, “Susana”, “Nossa Senhora do Monte”, dentre outras assim como a bela adaptação do poema “Caminho do Mato” de Agostinho Neto são importantes registos da música nacional. “Nguxi”, “4 de Fevereiro”, “Marien Ngouabi”, “11 de Novembro” e “Fidel Castro” considerados marcos da canção revolucionária que o país viveu nos primeiros anos da independência. Belita Palma foi locutora da Rádio Nacional de Angola morreu em 1988.

Lourdes Pereira dos Santos Van-Duném nasceu aos 29 de Abril de 1935 e morreu a 4 de Janeiro de 2006. A música entra muito cedo na sua vida, primeiro em casa e depois na escola, a jovem Lourdes Van-Duném com a autorização dos pais começa a ensaiar com Ngola Ritmos e desta forma conquista o seu espaço. Com esta forma-



Lourdes Van-Duném é uma das referências femininas da música nacional

ção actuou na década de 60 em Portugal, onde participaram em festivais e programas televisivos. Ao longo da sua carreira participou em várias caravanas artísticas quer a nível nacional como internacional. O single de 1973 onde consta “Ngongo ua Biluka” acompanhado pelos Jovens do Prenda é um marco da sua carreira.

De acordo com Jomo Fortunado recebeu as seguintes distinções: aos 29 de Março de 1991 o diploma de “Voz Feminina mais antiga da República de Angola” pelo Hotel Turismo; participou na “Expo 92” em Sevilha, tendo recebido aos 31 de Junho de 1993 o diploma de honra de “Homenagem aos Pilares da Música Angolana” no âmbito das comemorações do 42º aniversário recebeu do Governo de Luanda, no dia 24 de Janeiro de 1996, um diploma pelos serviços prestados à cultura da cidade. Um ano depois foi agraciada pelo restaurante XL com o diploma “A Mais Poderosa da Música Angolana. Participou no projecto “So Why” da Cruz Vermelha Interna e trabalhou com artistas como Youssour Ndour, Papa Wemba, Lagbaja e outros nomes da música africana. Com Elias Dya Kimuezo em “Ressureição” proporcionou um dos duetos mais apreciados da música angolana. No disco “Ser Mulher” podemos encontrar temas como: “Uxidi”, “mwabelele”, “monami”, “mungongo” e outras marcam a sua trajetória artística. “Facilité” um clássico da rumba congoleza ficou mais bela na voz da Titi Lourdes Van-Duném. Também foi locutora de rádio, teve uma grande paixão pelas flores.

Desta geração outras vozes emergiram, Lilly Tchiumba, irmã de Eleutério Sanches fez história com o disco “Songs of my people” de 1975. “Mona Ki Ngui Xissa”, “Manaziha”, “Paxi Ni-gongo”, “Monami” e “Kubata Dia Rosinha” foram apresentadas para um público não angolano.

Milá Melo nasceu Maria Emília Carmelino de Melo na província do Huam-



Cantora Belita Palma

bo em 1943 teve grandes sucessos, como “Vamos à Anhara” e “Tchakuparica”, uma cantora muito influente e popular. Uma cantora bastante eclética, vive em França.

Sara Chaves nasceu a 5 de Maio de 1932 em Santo António do Zaire (Soyo). Em 1947 no “De Tanga” grupo que apresentava piadas e que viu temas do seu repertório serem censurados. Em 1959 participa no 1º Festival Internacional da Canção realizado no teatro Monumental em Lisboa, dois anos depois passa a interpretar temas de Eleutério Sanches, Tonito, José Cordeiro dos Santos e mornas de B. Leza e é o princípio de uma viragem musical, juntando-se depois aos grupo

O reconhecimento efectivo do seu talento chega em 1966, ano em que ganha o prémio de interpretação no Festival da Canção de Luanda, com a famosa “Maria Provocação”, de Ana Maria de Mascarenhas e Adelino Tavares da Silva. As recordações são ainda intensas: “Nessa noite de Setembro de 1966, no cinema Aviz, ouviu-se música tipicamente angolana. O sucesso foi estrondoso duo Ouro Negro gravou-a em Portugal e Martinho da Vila no Brasil.” Para além de “Maria Provoca-

ção”, a dupla Ana Maria de Mascarenhas e Adelino Tavares da Silva acrescentaram ao repertório de Sara Chaves canções como “Senhora da Muxima”, “Benguela Rua Nova”, “Ritmo de Coração” e “Sangazuza”.

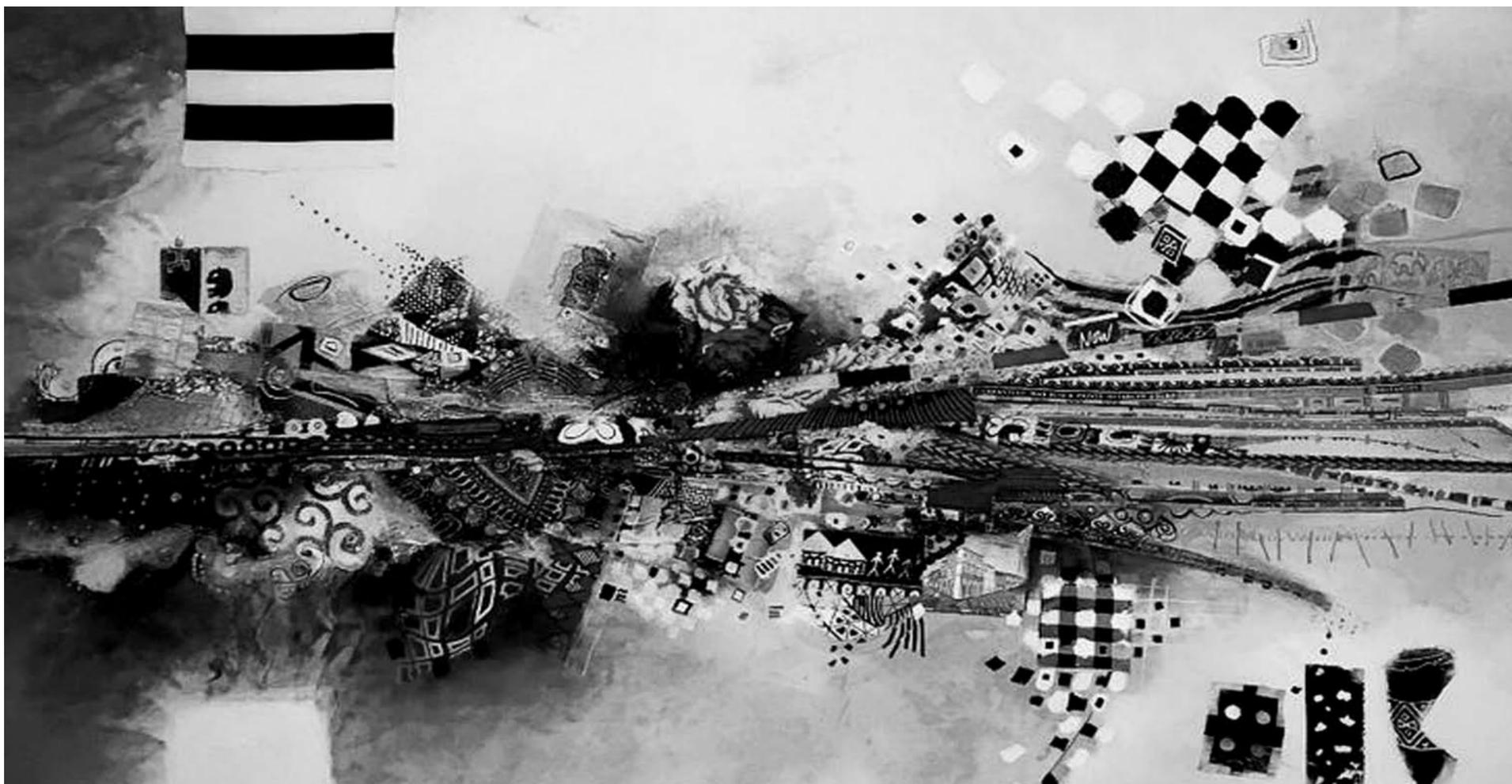
Ana Maria de Mascarenhas o seu grande contributo é na composição e letras suas interpretadas por vários artistas como Carlos Burity, Dionísio Rocha, Carlitos Vieira Dias, dentre outros. Foi homenageada no Festival da Canção de Luanda da Lac em 2007. Conchinha de Mascarenhas a irmã notabilizou-se com interpretações como “Monami Zeca”, “Serenata a Luanda”, “Mariana Diambimbe” e “Mulata é Noite” temas encontrados no single “Melodias de Angola” de 1967.

Alba Clington cantora, bailarina e atriz de teatro era figura de cartaz nos espectáculos de um passado de alegres memórias. O seu nome pode dizer pouco ou quase nada à nova geração. Mas, para aquela anterior a independência, ela é considerada como uma das primeiras estrelas do mosaico artístico angolano.

Após vinte e cinco anos de um quase exílio em França, regressou à terra que, à sua maneira, ajudou a erguer. O fecho com esta senhora é propositado porque na época era considerada uma diva, era frequente em anúncios, referências nas páginas culturais dos jornais e revistas dos tempos de antanho.

Garda, Conceição Legot, Belita Palma, Lourdes Van-Duném, Lilly Tchiumba, Sara Tavares, Ana Maria de Mascarenhas, Conchita de Mascarenhas e Alba Clington o conhecimento do seu percurso de vida é importante para perceber a importância da mulher na nossa música.

Importar citar Dina Santos, Fató, Tchininga, Clara Monteiro, Zizi Mirandela, Milita, Mura, Lina Alexandre e outras que reforçaram o papel da mulher no cenário musical e que foram cruciais para o empoderamento das cantoras da nova geração no actual cenário musical.



“UM DIA POR DIA” DE ISABEL BAPTISTA UMA HOMENAGEM ÀS MULHERES

GASPAR MICOLO

É possível fazer uma homenagem a todas as mulheres do mundo. Ainda que se faça um dia por dia. E só uma mulher para arriscar a tamanho esforço; aliás, um trabalho que a artista plástica Isabel Baptista faz com toda a sua força e energia criadora.

“Um Dia Por Dia” é a exposição individual que marca o regresso da artista plástica Isabel Baptista, no Centro Cultural Português, num trabalho oportuno na homenagem às mulheres de todos os tempos e de todos os lugares.

A exposição, aberta ao público até ao dia 22 de Março, é composta por pintura e instalação, cujas obras evocam o universo feminino angolano e não só. A proposta da artista plástica marca o seu regresso e contacto com o público amante das artes plásticas, com toda a sua força e energia criadora, atenta às diversas tonalidades das tintas acrílicas e traços da mulher. “Quando me foi proposta esta exposição para o dia 1 de Março, de imediato o tema se associou a Mulher. «De novo», pensei. Nada contra. Afinal, somos o ano inteiro. Um dia por dia. Assim é o nosso dia”.

Com efeito, amostra é composta por uma instalação, 11 telas de grandes dimensões, em acrílico e massa de acrílico sobre tela de linho, numa intensidade cromática que entrelaça e a harmoniza das cores quentes com cores frias (verdes, cambiantes,

tranquilos de esmeralda e azuis profundos e infinitos).

Neste seu mais recente trabalho, Isabel Baptista não resistiu ao apelo da poesia e envolve palavras poéticas em cada uma das obras, um exercício que, além de não ser novo para ela, revela e reafirma a sua profunda dimensão poética. Isabel Baptista abusa ainda da cor como se fosse uma música, um filme fruído, um livro encantado, um hino de vida, como a mania de sim, porque sim. Uma obra que marca o habitual regresso ou apelo à beleza capaz de nos acrescentar o seu melhor.

Considerada a mais velha artista plástica do país, Isabel Baptista teve sempre uma relação estreita com as

cores e a arte. Nasceu em Luanda, onde fez os seus estudos em pintura na antiga Escola Industrial, no início dos anos 70; mas a sua primeira exposição individual só teria lugar em 1990, no Museu de História Natural de Luanda.

Hoje, a beirar os 60 anos de idade, a artista ainda se lembra do seu primeiro dinheiro ganho na juventude: “O primeiro dinheiro que ganhei foi com as minhas mão e a pintar”. Isabel nasceu numa família de gente criativa, que se desdobravam nas artes, na música, na dança, entre outras. Mas é mesmo com as mão que exterioriza e concretiza a sua visão cromática do belo.

Entretanto, foi em 2015 que a artista regressou ao contacto com o públi-

co após mais de uma década de ausência, desde o encerramento da galeria Cenarius, na Cidade Alta, que foi pioneira das galerias de arte no pós-independência em Angola. A casa, que albergava a galeria, datava de 1840 e pertencia à sua avó, sendo que os filhos da artista faziam parte da quinta geração nascida na residência.

No espaço, Isabel Baptista catalisou toda a sua energia e criatividade como artista e como gestora, ao longo de largos anos, transformando-o numa referência e num ponto de encontro obrigatório de artistas e escritores, acolhendo centenas de actividades culturais, nas mais diversas expressões artísticas. “O lugar era o resumo da cidade. Era a sala de estar”, lembra. Hoje lamenta a ausência quase total de galerias na cidade.

Isabel Baptista faz das suas viagens o seu lugar de eleição, tão natural para artista é partir à descoberta pelo mundo, ou simplesmente de Cabinda ao Cunene, que não há espaço para nostalgia ou sensação de exílio. Durante longos anos, por entre digressões fotográficas e incursões na fotogenia dos seres e espaços envolventes cruzou-se com mulheres e com elas trocou olhares, sorrisos e até peças de joalharia, coisas que, para muitos, não passavam de “tralha”, pedaços quebrados de beleza. Hoje, esse universo de descoberta e aprendizagem ainda persegue a artista, que disso se serve para fazer uma pontual homenagem às mulheres de todos os tempos e de todos os lugares, ainda que seja “um dia por dia”.



ANGOLA EXPÕE NA UNESCO PINTURA SOBRE MBANZA KONGO

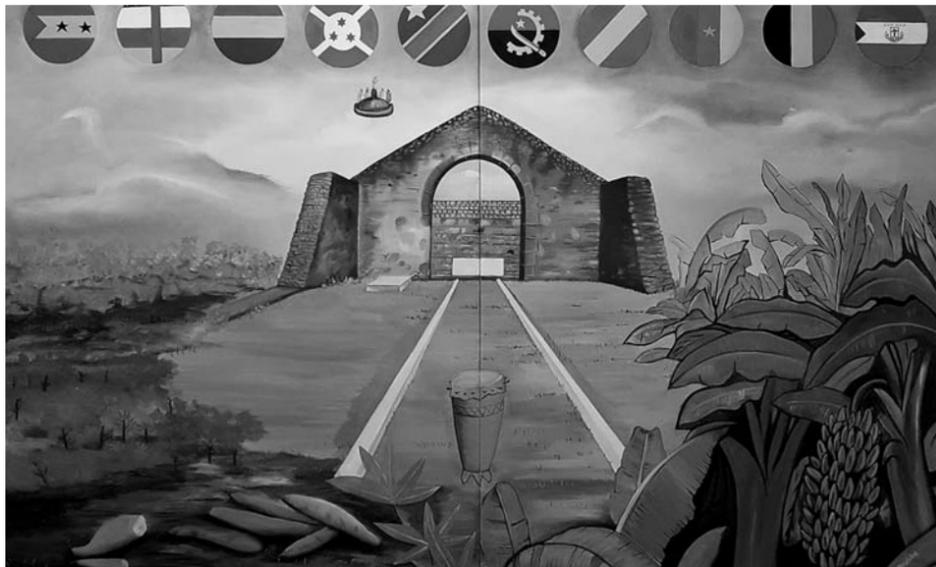
Com o tema "O factor da nossa integração regional na África Central", dez embaixadores africanos acreditados junto da UNESCO apreciaram a exposição realizada pela Representação de Angola junto da UNESCO, no passado dia 19 de Fevereiro, com obras do pintor angolano David Mvuluba, na sede daquela organização da ONU, em Paris. A exposição do pintor, patente na UNESCO, retrata as ruínas da catedral Kulumbimbi, ou Igreja de São Salvador do Congo, em Mbanza Kongo, capital o antigo Reino do Congo.

Kulumbimbi é a primeira igreja construída na África subsaariana, por missionários católicos que faziam parte da primeira expedição portuguesa liderada por Diogo Cão, e que chegou a Angola em 1482. A lenda diz que o templo foi construído de pedra e cal, durante uma noite. Hoje está em ruínas. A igreja está localizada no centro da cidade de Mbanza Congo, ao lado do cemitério dos reis do Congo.

Os trabalhos de construção da igreja de Kulumbimbi foram executados entre seis de Maio e seis de Julho de 1491. As ruínas têm despertado o interesse de especialistas nacionais e estrangeiros, pela raridade do seu aspecto arquitectónico.

A igreja foi arrasada pelo tempo e desapareceram os seus apetrechos. Hoje resta apenas o altar.

De recordar que o centro histórico de Mbanza Congo foi declarado Património Mundial da Humanidade no dia 8 de Julho do ano passado, durante a 41ª sessão da Comissão sobre o Património Cultural da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).



Obra de David Mvuluba



Autor da exposição (à esquerda) apresenta o seu trabalho

O projeto "Mbanza Congo, cidade a desenterrar para preservar", que tinha como principal propósito a inscrição desta capital do antigo Reino do Congo, fundado no século XIII, na lista do património da UNESCO, foi oficial-

mente lançado em 2007.

O centro histórico de Mbanza Congo, na província do Zaire, no norte de Angola, está classificado como património cultural nacional desde 10 de junho de 2013, um pressuposto indis-

pensável para a sua inscrição na lista de património mundial.

A candidatura de Angola destacava que o Reino do Congo estava perfeitamente organizado aquando da chegada dos portugueses, no século XV, uma das mais avançadas em África à data.

O PATRIMÓNIO

A área classificada envolve um conjunto cujos limites abrangem uma colina a 570 metros de altitude e que se estende por seis corredores. Inclui ruínas e espaços entretanto alvo de escavações e estudos arqueológicos, que envolveram especialistas nacionais e estrangeiros.

Os trabalhos arqueológicos realizados no local envolveram a medição da fundação de pedras descobertas no local denominado "Tadi dia Bukukua", supostamente o antigo palácio real.

Passaram igualmente pelo levantamento da missão católica, da casa do secretário do rei, do túmulo da Dona Mpolo (mãe do rei Dom Afonso I, enterrada com vida por desobediência às leis da corte) e do cemitério dos reis do antigo Reino do Congo.

Dividido em seis províncias que ocupavam parte das atuais República Democrática do Congo, República do Congo, Angola e Gabão, o Reino do Congo dispunha de 12 igrejas, conventos, escolas, palácios e residências.

O relatório votado no ano passado pela UNESCO recomendou a colaboração com outros países na identificação de outros locais e pontos do interesse do antigo Reino do Congo e da rota dos escravos de África para a América, com potencial para serem inscritos na lista de património mundial.



Embaixadores da África Central presentes na exposição

TRUMUNU MUSICAL LUANDENSE MARCA HOMENAGEM AOS BONGOS DO LOBITO

Kiezos vs Jovens do Prenda com vitória da música angolana

ANALTINO SANTOS

Foi aberto oficialmente o Musonguê da Tradição época 2018 e para deleite dos apaixonados da música popular e urbana angolana, dois dos mais emblemáticos conjuntos luandense pisaram o palco do Centro Cultural e Recreativo Kilamba.

Kiezos e Jovens do Prenda mais uma vez proporcionaram o derby que para os amantes da música, carrega a mesma emoção que o clássico desportivo 1º de Agosto-Petro de Luanda. O trumunu foi antecedido pela homenagem aos Bongos do Lobito.

No palco do quintal mais famoso do bairro Nelito Soares, com os quitutes a mērcē dos convivas, a música ao vivo começou com os Bongos do Lobito, grupo que desapareceu da cena musical, em 1975. Com a liderança de Boto Trindade, o único instrumentista vivo da formação, subiram ao palco Zeca Moreno, Neto Cordeiro e Jimbatrês artistas que têm nas suas trajectórias artísticas a parceria com os Bongos do Lobito. Joãozinho Morgado (tambores), Zeca Tririlene (ritmo), Carlos Timóteo (baixo), Josué (teclado), Zé Fininho (dikanza) e João Daloba (bateria) acompanhará, Boto Trindade, Zeca Moreno, Jimba e Neto Cordeiro. “Lena”, “Elovoko”, “Spínola” e “Kazukuta” não apenas trouxeram a nostalgia, mas justificaram a razão desta formação lobitanga, ter conquistado o seu lugar no mosaico musical nacional. Dois naturais de Benguela, que residem em Luanda, Pedro Fernandes e Luís Kandjimbo não esconderam a felicidade de voltar a ver a formação que os atraiu na música angolana.

O tira-teimas musical começou ao som dos Kiezos, Brando começou com um instrumental, depois foram vários sucessos que ao longo de mais de meio século, a formação do Marçal produziu. “MuaPangu”, “Za boba”, dentre outros e o sucesso dos Kiezos do Sec XXI “Tia” na voz de Mister Kim não decepcionaram a legião de seguidores desta instituição da cultura nacional. Manuelito, Mister Kim e Toni do Fumo Filho deram voz aos sucessos. Boto Trindade mais tarde juntou-se aos Kiezos para solar temas como “Memórias de Gui” e outros instrumentais da principal referência dos Kiezos, Marito.

Habana Maior, Gége Faria, Zeca Tririlene e Dulce Trindade eram os outros instrumentistas que davam corpo aos sucessos dos Kiezos e que também acompanharam, Cristo. O miúdo das Cês, bem pertinho do Centro Kilamba cantou músicas que agitam a juventude como “Anjo da Minha”, “Na Minha Banda” e “Meu Bairro”. Era um momento de agitação



Banda distinguida conseguiu encantar o público e recebeu ovações ao longo do espectáculo

pelos presentes, os aficionados dos Kiezos afirmavam que eles estavam a “levantar poeira”. Jornalistas da nossa praça como Manuel Quizembo (LAC), Isaías Afonso (RNA), Afonso Quintas (Rádio Luanda), assim como o gestor do espaço Estevão Costa, produtor de eventos Yuri Simão, o ex-futebolista Teófilo Moniz não escondiam a sua inclinação pelos marçalinos.

Quando os agora kota dos Jovens do Prenda subiram ao palco Didi da Mãe Preta não canjonjó e aqueceu o trumunu com “Ngongo” tque tem conquistado um público jovem na voz de Eddy Tussa. Didi da Mãe Preta e companheiros demonstraram que não estavam para brincadeiras. “Makamé”, “Samba Samba”, “Giendayamonami” “o tempo vai”, “Bela” e muitos hits marcaram a actuação dos senhores com raízes no mar.

Augusto Chacaya, Chico Montenegro, Baião e Didi da Mãe Preta, os ma-

kotas têm potencializado os jovens Esteves Bento na percussão e Josué Rabuni nos teclados para a sonoridade que caracteriza os Jovens do Prenda. Dos fanáticos dos Jovitos, o escritor e jornalista Kagibangala, o apresentador “imparcial” Dom Caetano, José dos Santos (RTP África), AbiasSateco e Carlos Correia “Calili” estavam eufóricos.

Raidel, Lazároe Pedro cubanos têm sido presenças nos sopros dos Jovens do Prenda, mas deste derby imperou o fair-play e levaram a solidariedade cubana num tema dos Kiezos. De salientar que Luís Massy integrante dos Jovens do Prenda, afastado dos palcos há 16 anos e voltou a apresentar-se no projecto Quatro Mwangoes Sax, ficou de fora desta actuação.

No final do derby, pelo semblante dos presentes o resultado do “trumunu” não foi um empate técnico, mas sim a vitória da música angolana e da “rivalidade mais salutar da cultura angolana”.



Saxofonista deram um pouco da sua graça



Público marcou presença em mais uma edição do projecto

“LUNDONGO, BLUES E ROCK” E JAZZ FUSION TORNAM MAIS COOL O TRI DO JAZZING

ANALTINO SANTOS

Passados dois anos o Jazzing volta a animar Luanda, com um cenário diferente, a Baía de Luanda foi trocada pelo Cine Atlântico, que de 2008 a 2012 acolheu o extinto Festival Internacional de Jazz de Luanda. Na noite de 24 de Fevereiro, Luanda juntou estrelas mundiais e artistas angolanos com potencial para alcançarem o mundo.

Na terceira edição a showbizz, produtora do Jazzing apostou na fusão que podemos encontrar entre a ancestralidade e contemporaneidade de NdalaYoWiñi, na irreverência e ousadia dos sons alternativos de Irina Vasconcelos, na busca da paternidade do Jazz no Blues de Nuno Mindelis e nos novos caminhos do Jazz que podemos encontrar em Jimmy Dlundu.

A primeira edição teve as actuações da norte Americana Dianne Reeves, da nigeriana Nneka e Totó St. Já na segunda edição, Selda, participou ao lado do congolês democrático Lokua Kanza e do moçambicano Stewart Sukuma.

NdakaYoWiñi, Nuno Mindelis, Irina Vasconcelos e Jimmy Dlundu foram os protagonistas dos quatro momentos musicais da noite.

Primeiro Momento Jazz em Umbundu, Ndaka poupa o Lundongo

NdakaYoWiñi foi o primeiro artista a ser anunciado pelo apresentador do Festival, Moisés Luís. Nsangu-Zanza, na guitarra solo, e Kris-Kasinjombela no baixo, JacksonNsaka baterista, o pianista Moisés Lumbanzadio e Dalú Roger na percussão acompanharam magistralmente temas como “Tchové Tchové”, “Lombolola”, “Ukalile vale”, “Omdenbwha” e outros que conquistaram a plateia. Ndaka fez uma actuação de alto nível.

O jovem que aposta fortemente na estilização dos ritmos tradicionais do centro-sul de Angola, com sonoridades modernas, fez uma actuação com temas interpretados em umbundu, mas com arranjos fortemente marcados com o jazz. Para os jazz-lovers foi interessante os rasgos no piano de Lumbanzadio e o groove de Kasinjombela, um baixista em ascensão. A rítmica percussiva Dalú Rogee e a bateria de Nsaka era suavizada pela guitarra de Nsangu-Zanza. O músico prometeu o lançamento do seu disco de estreia.

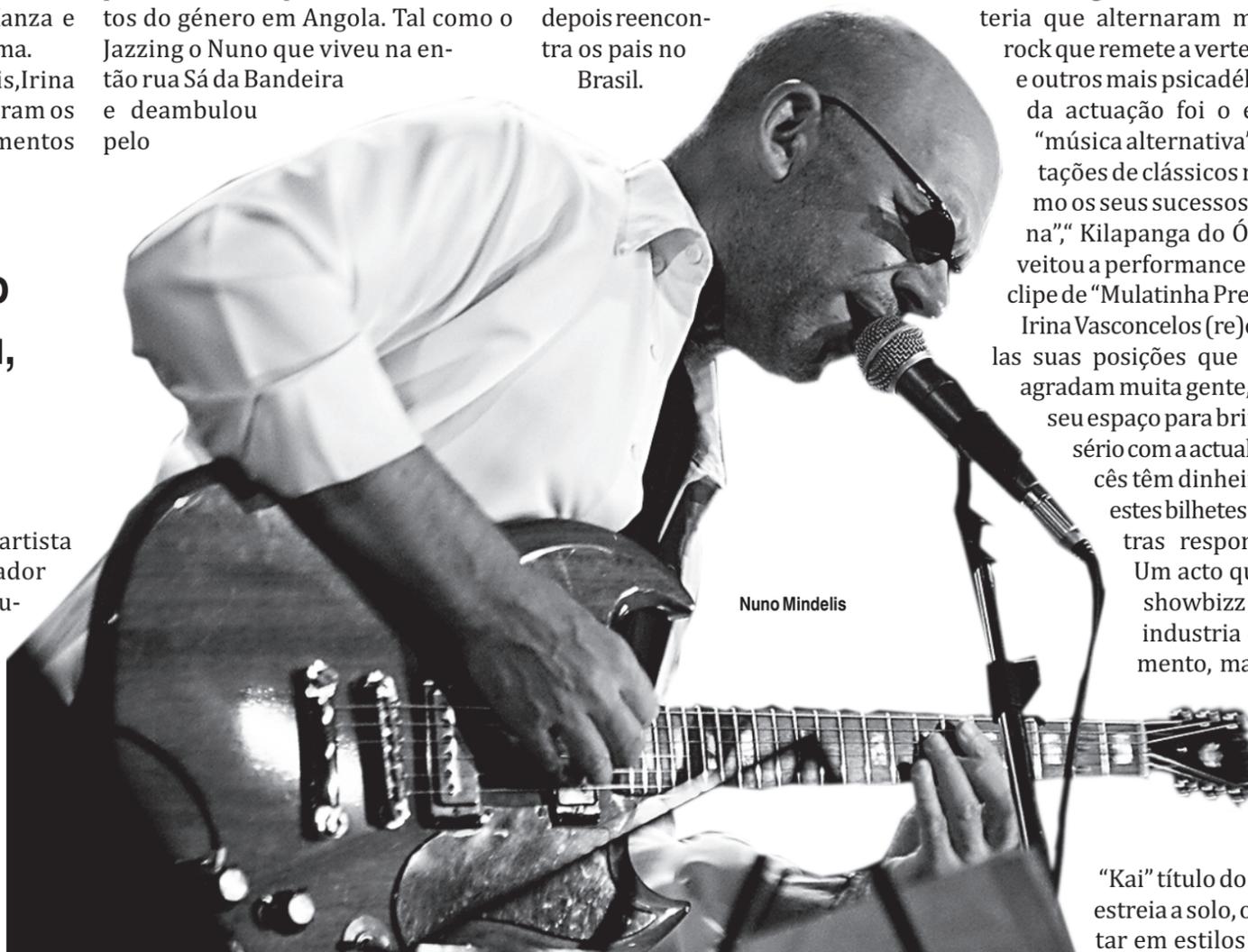
NdakaYoWiñi é Adriano Xavier Docas natural do Lobito e adoptou o nome artístico, que significa em português “A Voz do Povo”, abdicando uma promissora carreira na indústria petrolífera, para de corpo e alma dedicar-se a arte. Em Cabinda começa a dar os primeiros passos quando criou uma banda em 1997, em que imitavam sucessos de músicas nacionais e internacionais e posteriormente fez parte do grupo de Rap.

Segundo Momento bluesman paulista que é filho da kisaca

Nuno Mindelis trouxe “blues real” para uma plateia que teve de seguir a energia do guitarrista paulistano, para sair do formalismo que caracteriza a plateia “elitista” presente nos concertos do género em Angola. Tal como o Jazzing o Nuno que viveu na então rua Sá da Bandeira e deambulou

guitarristas de blues. Considerado pela crítica brasileira como o melhor guitarrista de blues radicado no Brasil. O seu virtuosismo ultrapassou largamente as fronteiras do país sul-americano e é actualmente uma presença frequente em festivais nos Estados Unidos e no Canadá.

Nuno Mindelis nasceu em Cabinda, em 1957. Aos dois anos foi para a então Nova Lisboa (Huambo) onde permaneceu até aos dez anos, tendo posteriormente vivido em Luanda, no Makulusso até aos 18 anos de idade. Foi em Luanda, no Makulusso, no jardim próximo a então cervejaria Académica, que começou a dar os primeiros acordes, recriando B.B. King, Jimmy Hendrix e outras ‘feras’ internacionais. Foi também em Luanda que com 14 anos recebeu o seu primeiro cachet, após convite da Valentim de Carvalho para a produção de solos distorcidos no disco dos Dikanzas do Prenda. Deixou Angola em 1975 emigrando para o Canadá e dois anos depois reencontra os pais no Brasil.



kers, Texas Bound (1996), Blues on the Outside (1999) Twelve Hours (2003), Outros Nunos (2005), “Free Blues” (2010) e “Angels & Clowns (Feat. The Duke Robillard Band)” (2013).

Terceiro Momento Rock e ondas alternativas da guerreira

A mãe de Kai mais uma vez mostrou todas as marés da Irina e justificou porque tem sido constante a sua presença dos mais variados concertos da chamada “música alternativa”. Dona de uma das vozes que nos últimos canta e encanta nas mais variadas vertentes, fez-se acompanhar por KD no baixo, Divino Larson na guitarra solo e Dilson na bateria que alternaram momentos de rock que remete a vertente irlandesa e outros mais psicadélicos. A marca da actuação foi o ecletismo da “música alternativa” desde adaptações de clássicos nacionais, como os seus sucessos “Praia Morena”, “Kilapanga do Órfão” e aproveitou a performance para gravar o clipe de “Mulatinha Pretinha”.

Irina Vasconcelos (re)conhecida pelas suas posições que nem sempre agradam muita gente, aproveitou o seu espaço para brincar de modo sério com a actual situação “você têm dinheiro para pagar estes bilhetes então têm outras responsabilidades”. Um acto que é típico no showbizz e na grande indústria de entretenimento, mas que por cá poucos ousam fazê-lo. Irina também prometeu

“Kai” título do seu álbum de estreia a solo, onde irá apostar em estilos como: Alternative Rock, Jazz Fusion, dentre outros que casará

bairro Café, ressurge em Luanda, dois anos, depois de ter realizado dois concertos no âmbito do Kaluanda Blues Project, de Jerónimo Belo.

Senhor do Blues mundial fez uma viagem musical essencialmente em temas dos discos “Long Distance Blues”, “Texas Bound”, “Free Blues” e “Angels & Clowns”, também não deixou fora do reportório as feras do género como B.B King e o clássico angolano “Muxima”. Nuno Mindelis é reconhecido mundialmente como um dos grandes

Ao longo da sua carreira de “bluesman”, há a destacar o prémio “30th Anniversary Guitar Player Magazine”, atribuído pela revista “Guitar Player”. Conta com vários discos gravados. Participou várias vezes no Festival Internacional de Jazz de Montreal, no Canadá, ao lado de nomes como Oscar Peterson, Diana Krall, Prince, George Benson e Aretha Franklin. Tem os seguintes álbuns: Blues e Derivados (1989), Long Distance Blues (1992) relançado em 1998 como Nuno Mindelis & The Cream Crac-

com a rítmica angolana. Com o Café Negro tem o álbum “Safrá” que em 2014 conquistou o prémio de Melhor Banda do Ano no Angola Music Awards. A cantora que cresceu num ambiente familiar cultural, no Makarenko foi amadurecendo e cimentou a veia artística com os amigos do Café Negro, conquistando os amantes do Rock numa primeira fase e de seguida um público mais diversificado. Projectos como “Kianda Soul”, com a Fundação Sindika Dokolo, Rock in Rio Catumbela, Rock in Rodas e outros

mostram a faceta de produtora e conceutora artística. "Show do Mês", Festival Jazz no Kubiku e "KaluandaFest" são as mais recentes aparições.

Quarto Momento Jazz fusão com gosto de Marrabenta

O momento mais aguardado aconteceu, após a última aparição de Moisés Luís. Jimmy Dlundlu entrou a dedilhar, agitando a plateia. O irmão do Índico voltou a pisar o Cine Atlântico e não desiludiu trazendo na bagagem "PointOfView", "Tote, Common Dialogue", "RiverofLostDreams", "WalkofLife", dentre outros que constam na sua vasta discografia. Foi um autêntico "showman" e como fez Nuno Mindelis, o guitarrista moçambicano deixou o formalismo e fez algumas músicas no meio da plateia. "Saia dela" de Filho Zua ganhou uma versão Jazzing, os passos de Moonwalker que Michael Jackson eternizou no tema "WannaBeStartin' So-

methin" e nunaces de "GetDownOnIt" trouxeram a "vibeFunkand dance". Jimmy Dlundlu mostrou o que é fazer um jazz de fusão mantendo presente toda a memória musical que tem absorvido.

De acordo com o portal majaliwa.tripod, Jimmy Dlundlu é um "Moz-Sul Africano" interprete e compositor de jazz e fusão. Nasceu em Zavala, Moçambique e passou a infância no bairro Chamanculo. Entrou na música nos anos 70, nos princípios dos anos 80, emitando as músicas do Wazimbo, o seu ídolo com sonho de ser músico profissional, deixou o país nos princípios da década para Swazilândia, Botswana e depois para África do Sul, onde fez a licenciatura em música, ganhou a fama com seus álbuns "echoesfromthepast" editado em 1997 e "essenceofrhythm" editado em Junho de 1999.

Tratado pelo jornal Estado de São Paulo como "George Benson Africano" que em Agosto do ano passado fez um perfil deste guitarrista de 52 anos, que seguiu o sonho influenciado pelos primos. Depois dos países da região austral, o Ghana é fundamental na sua musicalidade, pois ficou quatro anos no país de Nkrumah para aprender músi-

ca tradicional e highlife, depois seis anos em Chicago, estudando jazz e explorando outras tendências musicais.

"EchoesfromthePast" de 1997 marca a sua estreia no mercado discográfico "EssenceofRhythm", "Afrocentric", "Cornersofmysoul", "Portait", "SoundandVision", "Tonota" e "IntheGroove" respectivamente de 1999, 2002, 2005, 2007, 2008, 2011 e 2016 são os outros álbuns deste aclamado guitarrista.



Irina Vasconcelos



Ndaka ya Winni

REALISMO MÁGICO FASCINA HOLLYWOOD

GASPAR MICOLO

A alegoria "A Forma da Água", de Guillermo del Toro, foi o grande filme vencedor da 90.ª edição dos Oscars. É, no fundo, o sucesso do realismo mágico que o cineasta mexicano revela da sua América Latina, ou simplesmente da sua Guadalajara povoada de fantasmas.

Guillermo del Toro é de uma terra de fantasmas. O realizador mexicano, que fascinou Hollywood com a fábula sobre uma criatura de outro mundo em "A forma da água", revela nos seus trabalhos o universo fantástico do seu país desde que se estreou nas longas-metragens em 1993.

Com o Óscar de melhor direcção, chega-se ao terceiro prémio da categoria concedido a um cineasta mexicano na história. "Eu sou um imigrante", disse ele, no discurso de agradecimento. "Acho que a melhor coisa que a arte faz e a nossa indústria também faz é apagar essa linha imaginária que nos divide", disse del Toro, numa referência à política de imigração da administração norte-americana, de marcação de linhas de fronteira, em particular em relação ao México.

As produções de del Toro sempre têm um viés realista e histórico que se vê inundado por magia e fantasia. No caso de "A forma da água", Elisa, uma funcionária muda, trabalha num laboratório secreto em meio à Guerra Fria. Ela, então, conhece uma criatura aquática que é mantida prisioneira neste lugar, afim de ser potencialmente usada como arma. Porém, Elisa começa a se afeiçoar pela criatura, o que

dá ao filme o seu conflito principal.

O cineasta nasceu em Guadalajara em 1964 e tem revelado em entrevistas que todos na sua família já viram um fantasma ou um disco voador. A sua biografia e as suas raízes também influenciaram a sua clara preferência por seres retirados de sonhos e pesadelos humanos. Portanto, é apenas um mexicano com tendência para efabulação e mundos fantásticos que aproximam o mágico do possível.

Em pequeno, Guillermo del Toro decorava a casa familiar, em Guadalajara, com objectos macabros, apesar de ter sido educado pela avó, católica fervorosa.

E hoje, adulto e reconhecido, o cineasta colocou o seu cinema fantástico, coisa menor em Hollywood, numa fasquia elevada e a audiência não pára de se expandir. É, aliás, uma subversão do sistema ao forçar 13 nomeações ao seu filme-fábula. O filme do cineasta mexicano partiu como favorito aos prémios da academia de Hollywood e venceu em quatro, incluindo as categorias mais importantes de melhor filme e melhor realização.

Mas todo o encanto e fascínio segreda-se na história, muito para lá dos fantasmas. "Contar história é uma forma de lidar com a auto-aversão. A escolha está no equilíbrio entre viver a vida e falar sobre ela. Estou a falar da vida do contador de histórias. Quando era miúdo, muito novo, contava mais histórias do que as que vivia", disse Guillermo del Toro, em entrevista à "The Interview People".

Se é preciso viver para contar histórias, às vezes é preciso contar histórias para viver; e, no México, um país que

revela uma atracção pela desordem e pelos seus fantasmas, os escritores conhecem melhor esse fascínio, não fossem muitos deles mestres do realismo mágico. É o caso, por exemplo, de Juan Rulfo, que abriu o caminho para o realismo mágico com o belíssimo "Pedro Páramo", lançado em 1955, uma década antes do "boom" que consagrou Gabriel García Márquez, entre outros.

Se Juan Rulfo publicou o romance precursor do realismo mágico, muito antes, o poeta e ensaísta Octavio Paz publicou, em 1950, "O labirinto da solidão", conjunto de ensaios antropológicos sobre a identidade mexicana e para a completar, Carlos Fuentes publica, em 1958, "La región más transparente", que faz do México uma personagem de corpo inteiro, uma espécie de história cronológica de um país que vive plenamente e conta histórias para sobreviver, como é revelador o universo do cinema fantástico de Guillermo del Toro.



Juan Rulfo mexicano pioneiro do realismo mágico

Guillermo
com o Oscar

A LAGOA DO NOVAES



CONTO DE ANTÓNIO FONSECA
ILUSTRAÇÕES DE NEVES E SOUSA

Já ia longe o tempo em que o súbdito de Sua Majestade franqueara as portas do Kwanza, os dois grandes rochedos que formam como que umbrais de um portão ligando as grandes rochas dos morros laterais ao rio. Mais adiante, após o grande lago onde se viria a buscar a água para o presídio, ali ele se instalara, em terras de Kabuko Kanjila. Não fora tolerado, pois, naquelas terras, só a ele, Kabuko Kanjila, competia autorizar a instalação de estranhos, mesmos em terras não cultivadas. Havia o Capitão infringindo as leis do sobado... e, por isso mesmo, fora preso e ali permanecera. Naquela circunstância vira ser entronizado o novo Kabulo Kanjila que, segundo se soube, viu reconhecidos pelos makota que o elegeram, um grande poder espiritual. Com efeito, na madrugada do dia em que se reuniram os makota para a decisão, ouviu-se um enorme barulho no telhado da casa daquele jovem imberbe e, quando lá foram verificar, encontram-no ofegante deitado no leito. Para admiração dos makota, dizia que acabava de regressar de uma longa viagem voando numa casca de milho... Estava assim encontrado aquele que seria o guardião das relíquias dos antepassados e tinha poder bastante para conduzir os destinos do sobado.

Foi ainda naquela circunstância que o Capitão percebeu quão grande era o poder de Kabuko Kanjila, o que se podia constatar pelo número dos habitantes da Mbanza, pelo facto de ali se dirimirem os conflitos locais, das redondezas e de regiões distantes e pelo facto de <ele controlar o comércio externo, particularmente de escravos e marfim, assim como de tecidos, vinhos e armas de fogo.

A fama de Kabuko Kanjila atravessava o continente e estendia-se até ao Índico. Não admira pois que naquela circunstância o Capitão tivesse visto ali chegar, vindo de Zanzibar, conduzindo uma caravana, Ben, o Árabe e também a caravana de Abdel que, na condição de piloto, já havia percorrido a costa Índica e de Nassolo que após seis meses de viagem ali haviam chegado para permutar tecidos e armas de fogo por escravos e marfim.

Foi também naquela circunstância que, incrédulo, o Capitão vira o jovem Kabuko Kanjila afirmar-se sogro do soba do Kazengo, mãe do soba de Masingano, avô do soba do Libolo, irmão do soba de Kambambe, tio do soba da Kissama e familiar de todos os sobas a norte e nordeste do Kazengo. Perguntara-se então o Capitão como poderia um homem ser mãe de alguém, um jovem ser avô e duas pessoas serem irmãos sem serem filhos da mesma mãe ou pai. Compreendeu mais tarde que, ali, o parentesco contava-se de outra maneira. Tratava-se de uma contagem linhageira. Os do clã da mãe eram mãe, os do avô eram avô e por aí adiante. Percebeu assim ainda mais quão grande era o poder de Kabuko Kanjila.

Regressara o Capitão vários anos depois com homens bastantes e poder de fogo. Procurara não ofender o soba, não fosse este mobilizar toda a sua gente para o combater, agora que a cristianização avançava e o território se ocupava, como de resto era ali o seu propósito. Percebeu Kabuko Kanjila a força do Capitão e quanto este lhe podia ser útil nos conflitos que, entretanto, por ali proliferavam com outros sobados. Percebeu o Capitão que controlando Kabuko Kanjila, pela via do seu poder linhageiro, estendia a colónia até às terras da Kissama e outras paragens longínquas. Celebraram então ambos, aquilo que hoje poderia chamar-se uma "aliança estratégica". Por um lado, comprometia-se o soba a abraçar a fé cristã e a estendê-la aos demais sobados de que era o Nkulubundu, o chefe clânico; fornecer homens para soldados, os empacaceiros; fornecer mão-de-obra para o comércio e para as obras; pagar o dízimo sobre os negócios e sobre as portagens. Por outro lado, o Capitão assegurava-lhe o fornecimento exclusivo de produtos importados como tecidos, vinhos, armas e munições, desde que deixasse de comerciar com as caravanas do Índico. Era-lhe ainda assegurado o reconhecimento da legitimidade do seu poder e o apoio contra usurpadores e rebeldes internos e externos. O soba era também graduado a Capitão da Guerra Preta e Coman-



dante Supremo de todos os sobas vassallos da região. Fora então pelo capelão da armada baptizado Kabuko Kanjila com o nome de Francisco Fernandes Castelobranco e foi nessa condição, de cristão e comandante, que se viu Kabuko Kanjila marchar ao lado do Capitão para recuperar os territórios que haviam sido perdidos lá para as bandas dos Dembos. Por tal feito, fora graduado coronel e, por Decreto Régio, fora-lhe atribuído o Hábito de Cristo e o título de Duque, passando a ser chamado Dom Kabuko Kanjila Francisco Fernandes Castelobranco. E o título Dom generalizara-se por todo o território sob seu mando e vira-se então que, quando os pais levavam os filhos para o baptismo, ao perguntarem-lhes o nome, referira um cronista da época, mesmo não tendo um farrapo para os vestir, respondiam: Dom fulano, Dona Sicrana. Vira-se também o coronel marchar para norte, sobre o Kongo, para participar da recuperação das minas de cobre. Era então o poderoso e afamado Coronel já um velho octogenário, quase demente, mas terrível ainda pelo

seu prestígio e pela influência que exercia. Levava consigo na expedição os milongos guardados por dois homens kambutas. Serviam para o proteger da morte e de qualquer ferimento por mais leve que fosse. Acompanhava-o também um xinguilador para invocar os espíritos e deles ouvir o que deveria fazer. Acompanhavam-no igualmente os makotas envergando suas fardas de oficiais de infantaria e um amplo pano de algodão azul preso à cintura. Do séquito faziam ainda parte três das suas mulheres mais favoritas que com ele deveriam partilhar as glórias e os perigos das batalhas. No acampamento, de dentro da sua farda, comprazia-se em narrar as campanhas que fizera e as façanhas gloriosas que alcançara.

Também já ia longe o tempo em que ali chegara o Sábio, em companhia das autoridades de Loanda, para a cerimónia de undamento do novo Kabuku Kanjila, por morte do coronel. Transportavam presentes para ele, que os redistribuiria entre os principais chefes sob seu mando. Prestara o juramento de vassalagem à coroa portuguesa e reiterara o acordo estratégico celebrado entre o seu antecessor e Novaes. Os presentes, tanto do governo como de negociantes, haviam sido entregues na presença de um grande público e no meio de uma grande batucada. Foram-lhe entregues a farda de general, como requirera seu antecessor, a espada, o cinturão, as dragonas e o chapéu armado, ante o olhar maravilhado da multidão e dos fidalgos. Nessa ocasião também lhe fora apresentada a cauda do cavalo vindo do Brasil e que lhe era destinado, mas que infelizmente acabara por morrer pelo caminho. Nessa condição de general viu-se o Kabuko Kanjila marchar em expedição punitiva sobre Kassanje...

Tinha passado o tempo desde que os jesuítas com a sua habitual previsão tinham plantado o café e este tinha sido levado pelos pássaros para as terras do interior. Vira-se então aquela terra prosperar. O café crescia espontaneamente nas matas que cobriam grande parte do sobado. As plantações multiplicavam-se e era de ver carregadores de sacos aos ombros em direcção à feira na margem do rio. Kabuko Kanjila controlava as rotas e os pontos de passagens sobre os rios e sobas rivais interceptavam comerciantes, exigindo-lhes tributos. Por ali, outros dedicavam-se a assaltos e pilhagens, enquanto as terras férteis eram disputadas por brancos influentes. Kabuko Kanjila não permitira que outros sobas lhe disputassem o poder, nem mesmo os brancos. Marchara por isso mesmo sobre a Mbanza do soba Kitangodiamy e aí, pretendendo uma punição exemplar, seus homens mataram o soba, o seu filho e o secretário, levando as suas cabeças. No povoado, deu um atesto de surra a dois influentes moradores titulares de cargos públicos. Atraiu então sobre si a ira de todos os lados, o que provocou a sua queda e a desintegração do sobado.

Agora, ali no alto do morro, no fim de uma esburacada estrada de terra batida, invadido pelo capim, ladeado pela velha fábrica de ferro, hirto erguia-se apenas o velho fortim como que lembrando tempos de glória e fausta riqueza por aquelas paragens em que senhores tinham sido tornados escravos e plebeus se tinham tornado senhores. Na verdade, a riqueza tinha-se esvaído com o declínio da exploração do sal-gema e da prata, que haviam dado origem ao clã dos Novaes e com o declínio do comércio de outrora. Deste, como lembrança, sobressaindo sobre as demais, restava o velho casarão, com suas amplas portas e janelas e varandas rebordadas de ferro fundido de que se dizia ter pertencido a um tal Dom Carpo que, tendo sido condenado pelo crime de revolucionário, havia sido enviado como degredado para aquelas paragens onde acumulara riqueza e, à data dos acontecimentos que ficaram na memória, detinha os títulos de Comendador da Ordem de Cristo e Coronel Comandante de várias regiões. Prosperava o homem a olhos vistos, o que parecia afectar os Novaes. Daí que não tivesse sido surpresa, naquela terra dominada por aquele clã que, de um dia para outro, tivesse Do Carpo sido acu-

sado de falência culposa e fraudulenta, em virtude de, como se dizia, tratar-se sempre com um “luxo asiático”, para o qual não podiam chegar os seus rendimentos. Por muito que tivesse protestado, dizendo que na ocasião em que fora preso despoticamente, tinha fortuna muito superior às suas dívidas de então, a que se deviam juntar os bens que deixara no Ambriz em fazendas sortidas, escravos, aguardente e embarcações, acabara mesmo por ser condenado. Em razão de seus feitos militares e por tratar-se de um oriundo da metrópole, não obstante a condição em que viera, não podendo ser condenado como se fazia na Atenas Antiga, em que os falidos de má fé eram adjudicados aos seus credores, que os retinham como escravos, ou os vendiam, ou como na Roma Antiga em que os credores podiam vender os seus devedores insolúveis e repartir entre si o montante da venda, Do Carpo, apenas, uma vez mais, foi condenado ao degredo, desta vez para S. Tomé, por dez anos e à perda das graduações, patentes militares e títulos honoríficos que ostentava.



Foi então nomeado como administrador da massa falida um tal Caldeira, também conhecido por Boca Honrada, negociante e juiz que, no casarão, como se fosse seu, passou a negociar em mantimentos, vinhos, aguardente, tecidos e munições o que também não agradou aos Novaes e acabou por levá-lo para a cadeia. Porém, tudo indicava que razões mais profundas existiam para tal pois tudo começara quando o dito juiz, discursando no coreto, em acto público, pusera em causa interesses maiores daquele clã quando, citando Livingston, dissera que muito dinheiro se ganhara por aquelas paragens com o comércio de escravos; porém, poucas pessoas conservavam naquela terra a riqueza também ali adquirida. Considerara também que a cultura do café tinha sido a forma que Deus encontrara para acabar com o tráfico de escravos e fazer surgir em sua substituição uma honesta indústria. Porém, ali insistia-se no tráfico – dissera. – Citara ainda Livingston, para dizer que várias vezes ouvira dizer que as guerras entre os Negros eram mais cruéis depois que os prisioneiros deixaram de poder ser vendidos como escravos, mas que isso era uma invenção dos negreiros. Aliás, acrescentara, tendo viajado pelo interior, nunca vira entre os Negros outras guer-

ras que não fossem para a espoliação de gado. Parecia-lhe portanto, sem dúvida, que os negreiros é que provocavam a maior parte das guerras para garantir a venda de escravos. E concluía dizendo que, na sua opinião, o melhor meio de suprimir definitivamente o tráfico de escravos, era desenvolver os recursos do interior do país.

– Como subsistiria sem escravos o clã dos Novaes?

Tendo sido levado a tribunal, acabou por ser condenado por perjuro, quando dos factos de que era acusado, em sua contestação, dizia que não se recordava do que lhe perguntavam, nem que o Ministério Público havia provado que ele os recordasse, nem tal podia fazer, porque a recordação é um acto interior, que não pode ser presenciado por testemunhas e que aquela prova era essencial para se verificar o perjuro. Para além disso, dizia, padecia de moléstia de surdez e, portanto, não ouvia bem o que lhe perguntavam. Manteve o tribunal a acusação dizendo que o réu, depois de jurar sobre os Santos Evangelhos dizer a verdade que soubesse se lhe fosse perguntado, respondera que nada sabia, quando tudo era notório e público. Se o réu tivesse tanta falta de memória e tão surdo fosse como pretendia fazer acreditar – acrescentou –, não podia ser negociante como era e muito menos juiz ordinário e comissário da referida falência, pois, se assim fosse, de um dia para outro esquecer-se-ia daquilo que havia feito. Portanto, concluiu o tribunal, o réu ouvia perfeitamente o que lhe

perguntavam. E se assim não fosse, deveria pedir que lhe repetissem a pergunta segunda vez, tal como o fazem os que não ouvem bem. E além disso, concluíram, também não tinha falta de memória, pois até se lembrava de quantos anos tinha. – Quem não ouve bem, não responde; quem não se recorda do que lhe perguntam, pergunta segunda vez; pede que lhe repitam e que falem mais alto – concluíram os jurados.

Assim foi o juiz ordinário para as masmorras dos Novaes que funcionavam como cadeia alugada à Administração. À parte estes acontecimentos antigos que se guardavam na memória e que de quando em quando eram recordados e à parte o capim e os buracos que cresciam naquela estrada, tornando-a uma verdadeira picada, parecia que ali tudo parara no tempo. As velhas alfarrobeiras dos dois lados da chamada Rua Principal, unindo cúmplices as suas copas como que formando um refrescante túnel, ali permaneciam com os seus troncos pintados a cal e os ramos por podar: disto se encarregava a própria natureza em época de chuvas mais abundantes.

Pelos passeios multiplicavam-se homens de cabelos grisalhos, de chinelos, calção e camisola interior. Nas mesmas cadeiras de encosto, dobráveis, transportáveis, chamadas kangalanga, dormitavam uns; outros ali estavam, avaliando o tempo e o calor pelas nuvens de vapor que se erguiam lá para as bandas do rio e outros ainda, tentavam dali descortinar de onde vinha o canto das cigarras. Alguns, sentados em velhos mochos, entretinham-se jogando às cartas, enquanto fumavam um cigarro e bebericavam um copito de aguardente vinda das fazendas e cantinas dos Novaes, como de resto tudo o que de manufactura por ali era consumido. Pelos quintais, depois das lides da casa, velhas matronas vestindo habitualmente bata ou saia rodada e blusa, com saiote ou combinação por dentro, no meio da algararra, cuidavam de netos e enteados; ali era hábito os pais recolherem todos os filhos para o seu quintal. Pelo fim da tarde dedicavam-se a bordar e preparavam o jantar, enquanto jovens donzelas, na ausência de homens mais novos, procuravam enrugados amantes de quem queriam filhos. Muito embora soubessem que um dia iriam perdê-los, assim faziam, ao menos para tirar a vergonha de serem chamadas mbako.

Por aquelas paragens os jovens ou fugiam para nunca mais voltar ou eram capturados por eunucos treinados kifumbes que os decepavam, destinando as suas cabeças a olear os motores das fazendas de cana-de-açúcar e dendém dos Novaes, conduzidas pela mão forte e impiedosa do chefe do clã, o Coronel Novaes, como era chamado, enquanto o resto dos corpos eram atirados para uma vala comum no sopé do morro. De tez negra, olhos verdes e cabelo liso, desde cedo para isso fora educado aquele decaneto do súbdito de Sua Majestade o Rei de Além Mar que, por conquista, fizera suas aquelas terras, conforme Decreto Real que lhas concedia, a si e à sua descendência. Consta que pela linha materna o Coronel era descendente de uma nobre autóctone daquelas paragens. Quando fora o súbdito de Sua Majestade

capturado e feito prisioneiro, conseguira ser liberto graças à mão invisível daquela princesa apaixonada que, entretanto, dele ficara grávida e cujo filho, são e robusto, havia recolhido depois da conquista, assegurando assim a continuação do clã e os negócios dos Novaes.

Por aquelas paragens pouco ou nada acontecia. Por ali dizia-se em surdina que aquela era uma terra praguejada desde que a princesa se cruzara com Novaes. Naquela terra ainda se comia da horta, da capoeira, do curral e do rio. Não admira pois que um caso aparentemente trivial como o de Maria Madalena se tivesse tornado um acontecimento comentado de boca em boca. Ali nascida e baptizada na velha igreja em cujo átrio jazia o fundador do clã dos Novaes, aos treze anos não se quis contentar com um daqueles velhos amantes. Brechou o motorista do camião que, devidamente autorizado pelo Coronel, na última sexta-feira de cada mês ali levava o abastecimento para as “Cantinas Novaes” e, com ele, partiu. Calito, o motorista, foi por todo o povo considerado “erva ruim” por ter desencaminhado uma menor, como se dizia. Porém, pelo Coronel, foi considerado um infiltrado e raptor que punha em perigo a ordem social e a estabilidade da família. Foi assim Calito condenado com Maria Madalena a nunca mais ali poderem voltar. Nesse mesmo dia também aconteceu que, tendo-se abeirado do quintal dos Novaes para pedir uma caneca de água depois de uma longa caminhada em tratamentos pelas redondezas, viram-se labaredas de fogo na direcção de onde vinha o Velho Mbanxi. Foi o homem prontamente acusado de ter provocado a estiagem e com um simples olhar ter queimado o milheiral dos Novaes. Era a oportunidade que há muito o Coronel esperava para neutralizar aquele que considerava como um “tinioso” que o queria derrubar e provocar o caos. E, ainda por cima, considerava o Coronel, era um enviado do capeta para arrebanhar almas e que se fazia passar por santo. Não havia pois que esperar pelos inquisidores. Ele mesmo agiria, pois tratava-se de uma questão de grave calamidade pública e de grande urgência, portanto.

Na verdade, de longa data o Coronel andava incomodado com a aura e o prestígio do Velho Mbaxi e com a reverência que as pessoas lhe prestavam pois tinham-no por santo que curava todos os males e através de quem se falava com os antepassados. E isto porque no mesmo dia em que nascera já falava, já tinha dentes, não mamava, não comia, nem tão pouco bebia. E logo a seguir ao seu nascimento verificara-se um ano de estiagem a que se seguiu um ano de chuvas nunca vistas. E ainda, tendo nascido com o cordão umbilical enrolado ao pescoço e tendo dentes, fora de acordo com a tradição daquelas paragens considerado um verdadeiro Njinga e um autêntico Ndembo; consideraram-no um kiximbe, portanto, com poder para resgatar a honra do Reino. A confirmar os seus créditos, aos onze anos já manejava brilhantemente a lança e a zagaia, sabia encontrar água nos lugares menos esperados. Em tempo de seca e acontecera que, andando sozinho no capinzal de mais de três metros de altura, onde se podia perder o rebanho ou ser devorado por um leopardo, na infinita savana, com a sua cabeça quente assustou um leão que se aproximava do rebanho. Tinha pois razão de ser o temor do Coronel Novaes.

Aconteceu pois que, depois de ter sido capturado, ter sido enjaulado e feito percorrer num carro de bois as artérias da vila, ter sido queimado sobre um monte de pneus, o Velho Mbaxi, que conhecia o segredo de todas as linhagens daquele lugar e redondezas. Era o fogo pelo fogo, declarou o Coronel. O homem pedira socorro e clamara por justiça... mas ninguém se movera... Nessa madrugada, diz-se, viu-se vir das bandas do morro, percorrer a Rua Principal e encaminhar-se para os lados da igreja uma longa fila de homens sem cabeça. Depois, encaminharam-se para as bandas da casa do Coronel. E, por fim, encaminharam-se para o rio carregando enormes trouxas que ali foram atiradas. Pela manhã, viu-se que da casa do Coronel Novaes apenas restava o lugar onde surgira um enorme buraco e dele e dos seus ninguém sabia. Nesse dia, em pleno sol começou a relampejar. Começaram a cair grossas bâtegas de chuva. E das entranhas da terra viram-se surgir enormes massas de água. Viram-se então cadáveres de pessoas e animais boiando ao lado de bacias, camas, pratos, fogareiros, penicos e outros objectos, enquanto os que podiam fugiam para o morro. Choveu durante quarenta dias e quarenta noites e assim veio a surgir uma lagoa onde antes fora a casa dos Novaes. Ficou esse dia a ser conhecido como “O Dia da Revolta dos Decapitados”. E a lagoa ficou a ser conhecida como “A Lagoa do Novaes”.

A propósito, ainda nos dias de hoje, diz-se que por vezes ali fazem-se grandes ondas e ouvem-se gritos sufocados como se fossem os Novaes a pedir socorro. Por isso mesmo, ninguém ousa por ali pescar ou atravessar com as suas canoas. Diz-se também que a chuva viera lavar as pragas e os males de que aquela terra padecia.

1) Santos, José de Almeida – *A Velha Loanda, nos festejos, nas solenidades, no ensino* – Câmara Municipal de Luanda, 1972.

2) Dias, Jill R. – *o Kabuku Kambilu (c.1850-1900): uma identidade política ambígua* – Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas de Angola – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1997.

3) Milhazes, José – *Samora Machel atentado ou acidente?* – ALÊTHEIA EDITORES, Lisboa, 2010.

4) Lima, Mesquitela – *O Dilúvio Africano, I.I.C.A., Luanda, 1972.*



DE MULHER A ZUNGUEIRA

A fome faz o ser humano passar
de mulher a zungueira.
Nessa nova pele, o ser humano
sofre carregando na bacia elástica
das veias
um navio-contentor de abacate
pela cidade sitiada
abacaxis ou banana,
manga também sape-sape
laranjas do Tomboco
banana-pão, às vezes, peixe
seco que lá no cubico
falta sal para temperar
a solidão poligâmica.

José Luís Mendonça
(in "Angola Me Diz, Ainda")

